

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

FRANCIS VALDIVIA DE MATOS

**UM ESTUDO PSICOSSOCIAL SOBRE FORMAÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA COM GÊMEOS UNIVITELINOS**

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

São Paulo

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

FRANCIS VALDIVIA DE MATOS

**UM ESTUDO PSICOSSOCIAL SOBRE FORMAÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA COM GÊMEOS UNIVITELINOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação do Professor Doutor Antonio da Costa Ciampa.

São Paulo

2015

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que me deram todas as oportunidades e apoio para trilhar meus próprios caminhos na vida.

A família que eu formei, fonte das minhas maiores alegrias na vida e da qual me orgulho muito.

Aos mestres que encontrei nas minhas caminhadas pelo mundo. A meu orientador Professor Doutor Antonio da Costa Ciampa, meu respeito pela sua sabedoria associada à sua simplicidade.

Aos colegas do Núcleo de Identidade NEPIM da PUC/SP, pela enriquecedora convivência, reflexões e aprendizados.

Aos irmãos - gêmeos que fizeram possível este trabalho, pela sua bondade e abertura para compartilhar com todos os leitores suas histórias de vida.

Valdivia de Matos, F. (2015). *Um estudo psicossocial sobre formação e transformação identitária com gêmeos univitelinos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender o processo de formação e transformação identitária com gêmeos univitelinos. Pretendemos analisar como as identidades de dois irmãos gêmeos se desenvolve ao longo de sua trajetória de vida, considerando que ambos compartilharam o mesmo contexto histórico e social, constituído pelos condicionantes estruturais representados pelas instituições família, escola, comunidade e sociedade. A proposta de identidade como metamorfose em busca de emancipação, desenvolvida pelo Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa (1987), foi nossa linha norteadora para a realização da presente pesquisa. Optamos pelo método de narrativa de história de vida para aprofundar no entendimento da dinâmica da formação e transformação da identidade dos irmãos gêmeos, aqui chamados de Ricardo e Rogério, hoje com 50 anos de idade, nascidos, criados e residentes na cidade de São Paulo-SP. O estudo dos processos de formação identitária envolvem a socialização primária focada na fase da infância e início da vida escolar; bem como a socialização secundária focada na fase das escolhas profissionais, trajetória profissional e momento atual de vida e carreira.

Palavras-chave: Identidade, Formação e Transformação Identitária; Metamorfose; Emancipação; Socialização Primária e Secundária.

Valdivia de Matos, F. (2015). *A psychosocial about identity formation and transformation on monozygotic twins*. Master's Degree Thesis in Social Psychology. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

ABSTRACT

This study aims to understand the process of identity formation and transformation with monozygotic twins. We intend to analyze how the identity of two twin brothers develops along their life course, considering that both shared the same historical and social context, constituted by structural conditioning factors represented by the family, school, community and society institutions. The identity proposal as a metamorphosis in search of emancipation developed by Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa (1987), was our guiding line for the accomplishment of this research. We chose the life history narrative method to deepen the understanding of the dynamics of the two twin brothers identity formation; in this research they are named Ricardo and Rogério, they are now 50 years old, and are born, raised and living in the city of São Paulo-SP . The study of the identity formation processes involved the primary socialization, focused on the childhood phase and the beginning of school life, as well as the secondary socialization, focused on the period of career choices, beginning of professional life and current life and career moment.

Keywords: Identity, Identity Formation and Transformation; Metamorphosis; Emancipation; Primary and Secondary Socialization.

SUMÁRIO

Introdução	09
Cap.1 – Metodologia de Pesquisa – Pressupostos Epistemológicos	11
Cap.2 – A Psicologia Social e Psicologia Social Crítica: Brasil e América Latina	17
Cap.3 – A Formação da Identidade, Sociedade e Instituições	
3.1. Comunidade, Instituições, Sociedade	23
3.2. Formação da identidade e papéis	24
3.3. O processo de socialização	26
3.4. Identidade	32
3.5. O conceito de reconhecimento e a importância no estudo da identidade	35
3.6. Identidade e busca de sentido	36
3.7. A emancipação no mundo da vida e no mundo que vivemos	37
Cap.4 - Análise das Narrativas – Socialização Primária	
4.1. As apresentações e a socialização primária	39
4.2. Relatos da vida escolar	45
4.3. Considerações Finais – Socialização Primária	50
Cap.5 - Análise das Narrativas – Socialização Secundária	
5.1. Estudos, Universidade, Escolhas Profissionais	54
5.2. Experiência Profissional	56
5.3. Experiências Empreendedoras	61
5.4. Trabalho Terapêutico	62
5.5. Momento Atual: Vida e Carreira	63
5.6. Sonhos	64
5.7. Projeto de Vida	65
5.8. Considerações Finais – Socialização Secundária	67
5.9. A guisa de conclusão	69
Referências Bibliográficas	71
Anexo	73
Anexo I - Termo de Consentimento	74

“Minha metamorfose é uma tradição, pois a tradição é precisamente mudança e reinvenção de uma outra pele. Não se trata de uma cirurgia estética ou de uma mutilação, mas sim de renascimento... eu não renuncio a nada, é só continuo”.

Salvador Dali

Introdução

O presente estudo tem por objetivo entender o processo de formação identitária em irmãos gêmeos univitelinos.

Pretendemos analisar como a identidade de cada um dos irmãos gêmeos se desenvolve tendo compartilhado o mesmo contexto histórico e social constituído pelas condicionantes estruturais, representadas pelas instituições: família, escola, comunidade e sociedade em geral.

A proposta de identidade como metamorfose em busca de emancipação, desenvolvida pelo Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa, foi a linha norteadora para realização do presente trabalho de pesquisa.

Os gêmeos univitelinos escolhidos, aqui chamados de Ricardo e Rogério, nascidos em 1964, tendo no início da pesquisa 49 anos de idade, hoje 50 anos, residentes e criados na cidade de São Paulo capital. Os irmãos tem uma irmã mais velha (54 anos). O pai e a mãe são paulistanos, filhos de imigrantes europeus (espanhóis, portugueses e alemães).

São denominados gêmeos univitelinos ou onozigóticos irmãos que possuem o mesmo genoma, tem a mesma aparência física e o mesmo grupo sanguíneo.

Inicialmente havíamos planejado pesquisar a história de vida com pessoas do sexo masculino entre 45 e 55 anos de idade, residentes na cidade de São Paulo há mais de oito anos, que tivessem atuado numa atividade profissional por mais de dez anos; e encerrado o vínculo profissional em alguma organização (por iniciativa própria ou por demissão) há três anos e que na atualidade estivessem em busca de uma nova atividade profissional. O ramo de atividade não seria critério de corte da amostra.

Ao entrevistar pessoas dentro desse perfil, encontramos os gêmeos Ricardo e Rogério. Realizadas as primeiras entrevistas, percebemos a riqueza de suas histórias de vida e optamos por realizar a pesquisa somente com os dois irmãos.

Em sendo a sociedade um produto humano e o homem um produto social, entendemos que a escolha da narrativa de história de vida em irmãos gêmeos seria apropriada para os objetivos a que nos propomos. Os conteúdos da experiência pessoal nos primeiros anos de vida, as experiências na escola, no grupo de amigos do bairro; assim como a sua trajetória profissional influenciaram a escolha.

As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas, agrupando os dados em função dos eixos temáticos escolhidos. As perguntas norteadoras da pesquisa foram: “quem é você e qual sua história de vida”. A pergunta posterior foi “qual é seu projeto de vida”.

Antes de começar a primeira reunião conversamos sobre os aspectos éticos que norteiam as pesquisas e apresentamos o termo de consentimento que foi assinado pelos participantes da pesquisa.

A escolha da narrativa de história de vida como metodologia de pesquisa, nos permitirá aprofundar no entendimento da dinâmica da formação da identidade dos pesquisados, o acesso à subjetividade, e à forma como cada irmão construiu e estabeleceu relações ao longo da sua trajetória pessoal, familiar e profissional.

Entendemos que será contribuição relevante ampliar o debate sobre a complexidade dos processos de formação e transformação identitária em irmãos gêmeos. Encontramos diversos estudos com irmãos gêmeos, mas não na abordagem na formação e transformação da identidade.

Cap.1 – Metodologia De Pesquisa – Pressupostos Epistemológicos

Optamos pela narrativa de história de vida para investigar o processo de formação da identidade em gêmeos univitelinos, objeto de estudo da nossa pesquisa.

A narrativa de história de vida e história oral, segundo Antunes (2012, p.72), são “metodologias qualitativas, que passam a ser empregadas nas pesquisas sociais, pela Escola de Chicago, no século XX (durante os anos 20), inovando no campo de pesquisa qualitativa; apresentaram diversas contribuições à sociologia, sociologia social e ciências da comunicação”.

História oral, para Pereira de Queiroz (1988, p.19) é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documento, ou cuja documentação se quer completar “(...) colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade”.

Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um acontecimento ou sobre um período de tempo “(...) tudo quanto se narra é história, seja a historia de alguém, seja a historia de um grupo, seja historia real, seja ela mítica”.

Dentro do quadro amplo da historia oral, a história de vida constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente; porem dada sua especificidade, pode igualmente encontrar um símile em documentação escrita (...) assemelham-se às histórias de vida, as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias, as biografias (...) a história de vida se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu (...) (Pereira Queiroz, 1988, p.19).

A autora ainda coloca uma diferença importante entre o que é historia de vida e o que é depoimento. Para ela, a questão fundamental está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante: “Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador, ele tem nas mãos o fio da meada, é o condutor do processo (...). A entrevista pode se esgotar num só encontro, os depoimentos podem ser muito curtos, residindo aqui uma das suas grandes diferenças para com as histórias de vida” (1988, p.20).

Pereira Queiroz (1998, p.23) ainda aponta a diferença entre autobiografia e biografia: “Narrar sua própria existência consiste numa autobiografia e toda história de vida poderia, a

rigor, ser enquadrada nesta categoria (...). Na autobiografia não existe ou se reduz ao mínimo, a intermediação de um pesquisador (...) a biografia é a história de um indivíduo redigida por outro”.

Para Meihy (1996, pp.48/49), “a história oral pode ser entendida como o conjunto de procedimentos que vão desde o planejamento do projeto, a definição da colônia (publico alvo), a eleição das redes, o estabelecimento de uma pergunta de corte, a elaboração das entrevistas, a feitura dos textos e a devida guarda, a conferência e a devolução do documento à comunidade que o gerou”.

O autor também cita o cuidado de realizar trabalhos ditos “interdisciplinares” nestas áreas:

O trabalho interdisciplinar; tão discutido nos dias de hoje, não se remete às disciplinas constituídas que alias não estão dispostas a deixar seus princípios fluírem (...) para se fazer um estudo interdisciplinar não basta somente escolher um “sujeito” (tema) e reunir em torno disto duas ou três outras áreas de conhecimento; interdisciplinaridade consiste em criar um novo objeto que não pertença a ninguém (1996, p.48).

Alberti (2004) complementa o conceito, afirmando que:

A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos, etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como *método* de investigação científica, como *fonte* de pesquisa, ou ainda como *técnica* de produção e tratamentos de depoimentos gravados. Não se pode dizer que ela pertença mais a história do que à antropologia, ou às ciências sociais, nem tampouco que seja uma disciplina particular no conjunto das ciências humanas. Sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno multidisciplinar (pp.17/18).

A principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo.

Segundo Alberti (2004):

Sua peculiaridade - e a da história oral como um todo - decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É neste sentido que não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória (p. 23).

Para o autor, o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. Segundo ele:

É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, da sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerarmos que há universais nas diferenças. Assim trabalhamos com visões particulares e muitas vezes idiossincráticas para ampliar nosso conhecimento acerca da história, é porque de alguma forma acreditamos que a história é um nome genérico para designar as *histórias* vividas e concebidas, diferentes ou parecidas, criadas por pessoas em contato com o mundo. (Alberti 2004, pp.24/25)

Alberti (2004) argumenta que, conseqüentemente, somos levados a considerar o peso do imponderável e do próprio indivíduo nessa história-histórias que estudamos.

Isso não significa que a história vista sob este ângulo, passa a constituir o somatório de histórias individuais, nem tampouco que devemos abandonar a generalização e a abstração próprias ao pensamento científico em face da preponderância das infinitas versões. Ao contrário, admitir e considerar a pluralidade e a diversidade de versões e experiências no decorrer da análise científica resulta em um conhecimento acurado - porque cuidadoso - a respeito do objeto de reflexão, base para a formulação de abstrações e generalizações. (p.25)

Sobre a validade da pesquisa com histórias de vida, Pereira de Queiroz (1988) argumenta que:

O que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os seus aspectos por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, de ações que sobre ela se exercem que lhe são inteiramente exteriores. Tudo isto constitui o meio em que vive e pelo qual é moldada; finalmente, sua personalidade, aparentemente tão peculiar, é o resultado da interação entre suas especificidades, todo o seu ambiente, todas as coletividades em que se insere (..) o indivíduo cresce num meio sociocultural e está profundamente marcado por ele” (..) a história de vida é portanto técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social. (p.36)

O uso das histórias de vida na pesquisa brasileira permaneceu ignorada por muito tempo. Segundo Pereira de Queiroz (1988, p.32) “sua eclipse durante tanto tempo deveu-se à

espécie de encantamento pelas técnicas estatísticas de amostragem com o emprego de questionários”,

No Brasil, a primeira edição do Manual de historia oral foi publicado em 1990, considerado referência para pesquisadores e estudiosos do tema.

Para Lima (2014):

O relato oral uma vez transcrito, transforma-se em um documento semelhante a qualquer outro texto escrito, com a diferença - frente à outras formas de investigação que fazem uso de entrevistas - de que foi originado pelas informações do pesquisador, ao ganhar status de documento, o texto pode ser decomposto, fragmentado em seus elementos essenciais e/ou recortado a fim de ser articulado com os objetivos do pesquisador. (pp.16/17)

Lima (2014) coloca, a guisa de conclusão, que:

a concepção de pesquisador como testemunha é um posicionamento ético político frente à desigualdade que é presenciada (...) a partir das narrativas de história de vida é possível trazer à tona as contradições singulares, articulando-as com o universal dominante (...) as narrativas de história de vida, podem mostrar como a quebra da continuidade do existir humano pode ser decorrente de uma imposição social em que a identidade do individuo, sua vontade, é confrontada com as exigências do mercado. A preocupação com a generalização dos dados, nesse sentido, cede lugar à preocupação com o aprofundamento dos dados. (p.31).

O uso da história de vida em pesquisas brasileiras encontra um marco relevante na tese do psicólogo social Antonio da Costa Ciampa (1986/2002) que na sua obra “A Estória do Severino e a História da Severina” nos apresenta sua contribuição à práxis da psicologia como ciência.

Segundo Lane na introdução “A Estória de Severino e a História da Severina” (1987), “o autor desenvolve uma metodologia de pesquisa em bases materialistas históricas, concebendo o homem como um ser produzido historicamente e, por tanto, essencialmente social” (pp.10/11).

Na citada obra, no estudo sobre a metamorfose da identidade, o método empregado foi a “narrativa de história de vida”, enriquecendo a narrativa e permitindo que o leitor pudesse acompanhar a trajetória de Severina e o processo de metamorfose ao longo da sua trajetória.

Abordando agora as características desta metodologia de pesquisa, Antunes (2012, pp.72/73) salienta os seguintes aspectos:

1. Vínculo pesquisador-pesquisado. Ambos são incitados a suspender, reordenar e, na maioria das vezes, transformar noções e conexões argumentativas sobre a vida ou sobre o ser que se apresenta na narrativa.
2. A interpretação que o sujeito faz a respeito de como viveu, do que é e do quer vir a ser é atualizada no ato narrativo e, sob os ouvidos, do pesquisador, busca reconhecimento dos sentidos expressos em sua fala.
3. O sujeito torna-se informante de seu tempo e espaço sociocultural e sua narrativa é recebida e compreendida à luz da produção de referências, valores e significados contextuais e contemporâneos.
4. Narrador e interlocutor partilham uma dupla tarefa interpretativa: compreender os significados que constituíram o momento onde se vive o acontecimento e os sentidos do momento em que ele é lembrado.

Antunes (2012) amplia este ponto de vista, argumentando que:

Solicitar que uma pessoa seja narradora de sua própria história pressupõe colocá-la numa situação de protagonismo e exercício de autonomia. Ao falar de si e de seu entorno, o sujeito/autor da narrativa posiciona-se enquanto personagem, em episódios cujos enredos são tecidos na legitimidade dos sentidos que lhes atribui frente significados sociais que defende ou questiona. A articulação destes personagens oferece a possibilidade de vislumbrar como ocorrem as metamorfoses daqueles com quem se fala, para aquele de quem se pode falar, as reposições das personagens, ou ainda as superações vividas pelos indivíduos. (p.74)

“Analisar tal articulação de personagem na narrativa de história de vida fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos” (Ciampa, 1987/2000 & Lima, 2010 citado em Antunes, 2012, p.74).

São premissas desta abordagem que “o ser humano, torna-se humano” (Antunes, 2012, p.67), pelo processo permanente de individuação que se dá por intermédio da socialização; que este processo de individuação demanda a concretização de pretensões identitárias do sujeito, expressão de crescimento da autonomia pessoal. O terceiro aspecto citado pela autora é que a concretização de uma pretensão identitária pressupõe o seu reconhecimento por outros indivíduos, o que ocorre também por meio do processo de socialização.

E por este processo, Antunes (2012) considera que:

abarcam aspectos subjetivos, intersubjetivos, objetivos e normativos, pode ser considerado dentro da Psicologia Social como uma categoria analítica útil para a compreensão psicossocial do ser humano e dos processos sociais. Por esta razão, uma pesquisa orientada pelo sintagma identidade-metamorfose-emancipação busca explorar os nexos entre os processos identitários, suas condições de determinação e as possibilidades de humanização no mundo moderno. (pp. 67/68)

A compreensão da identidade humana por intermédio de um sintagma pressupõe um processo e não uma natureza. Nesta perspectiva, o ser não nasce humano, mas torna-se humano. A identidade é então qualificada como humana por ser entendida como um processo dialético que demanda produção, identificação, reconhecimento e alterização, um processo de constante metamorfose que implica a unidade da subjetividade e da objetividade que, segundo Ciampa (1987/2008, p.145) implica a “unidade da subjetividade e da objetividade” (Antunes, 2012, p.69).

Antunes (2012) acrescenta que:

Por ser a identidade inerentemente intersubjetiva permite que a relação entre o indivíduo e o social seja investigada por meio da apresentação de personagens contextualizadas em um cenário social, cultural e histórico. Assim, os sentidos do projeto identitário, expresso na narrativa de história de vida, tendo ele um caráter pessoal ou coletivo, abarcam as possibilidades de superação e/ou manutenção da organização social vigente. (p.69)

Os pesquisadores do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas sobre a Identidade Humana, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade-Metamorfose – NEPIM - Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da PUC/SP sob orientação do Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa, desenvolvem estudos sobre a formação e transformação da identidade humana, sob a ótica da Psicologia Social Crítica, contribuindo de maneira relevante com o entendimento da realidade brasileira, nos mais diversos estratos psicossociais.

Cap.2 – A Psicologia Social e Psicologia Social Crítica: Brasil e América Latina

Silvia Lane (1933-2006) teve protagonismo relevante na busca de uma psicologia social com uma identidade própria focada na realidade da América Latina.

“Na América Latina, Terceiro Mundo, dependente econômica e culturalmente, a Psicologia Social oscila entre o pragmatismo norte-americano e a visão abrangente de um homem que só era compreendido filosófica ou sociologicamente, ou seja, um homem abstrato” (Lane, 1984/1999, p.11).

Em diversos congressos interamericanos de Psicologia, na década de 70 começam a ser questionados os “modelos” de Psicologia Social vigentes, de influência americana e europeia, estes movimentos culminam em 1979, com propostas concretas de uma nova Psicologia Social, centrada na realidade latino- americana .

O primeiro passo para a superação da crise foi constatar a tradição biológica da Psicologia, em que o indivíduo era considerado um organismo que interage no meio físico, sendo que os processos psicológicos (o que ocorre “dentro” dele) são assumidos como causa, ou uma das causas que explicam o seu comportamento. Isto significaria que para compreender o indivíduo bastaria conhecer o que ocorre – dentro dele – quando se defronta com estímulos do meio. (Lane, 1984/1999, p. 11)

Esta constatação foi um marco importante para repensar uma Psicologia Social centrada na nossa realidade latino-americana e brasileira. Lane continua sua argumentação contestando a visão do homem baseada na tradição biológica da Psicologia Social:

O homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história. Este homem biológico não sobrevive por si e nem é uma espécie que se reproduz tal e qual, com variações decorrentes de clima, alimentação, etc. O seu organismo é uma infraestrutura que permite o desenvolvimento de uma superestrutura que é social e, portanto, histórica (...).

O ser humano traz consigo uma dimensão que não pode ser descartada que é a sua condição social e histórica, sob o risco de termos uma visão distorcida (ideológica) de seu comportamento. (Lane, 1984/1999, p.12)

Se o homem é um “ser social”, considerar a sociedade em que está inserido e o momento histórico-social que vive, será de fundamental importância para compreendê-lo. Isto significa que o homem influenciará e será influenciado “pelas relações que estabelece no ambiente social, cultural e político em que está inserido”, como afirma Lane (1984/1999, p. 13).

Massimi (2000) nos traz outro ponto de vista sobre o objeto da psicologia social latino-americana, ele não é univocamente definido nem determinado, constitui-se a partir dos processos sociais e culturais peculiares às diversas realidades latino-americanas.

A Psicologia Social deve então reconhecer a existência destes processos e descrevê-los mais do que pretender enquadrá-los e explicá-los em termos de teorias preconcebidas e inspiradas em modelos culturais alheios. É preciso levar em conta a constituição peculiar das culturas latino-americanas, pois censurar esta peculiaridade em nome de um ideal de ciência social unívoca e universal seria na realidade construir uma nova ideologia. (p.54)

Na opinião da autora, esta é uma condição fundamental para que a Psicologia Social na América Latina possa assumir uma função autenticamente libertadora. Mas cabe agregar ainda a pluralidade a que se refere a autora em função da relevância desta perspectiva para a atuação dos estudiosos da Psicologia Social:

Se existe uma característica comum para definir a América Latina, esta é a da pluralidade. Pluralidade que pode ser reconhecida em diversos níveis: diferenças entre povos, etnias, grupos sociais de manifestações culturais, definidas em muitos casos pela expressão “mescla” ou “mestiçagem”; e diferenças entre os processos históricos que caracterizam cada realidade nacional. (Massimi, 2000, p.32)

Outro autor que trouxe uma visão crítica sobre o papel do psicólogo e da Psicologia Social, na América Latina foi Ignacio Martín-Baró, “de particular importância são seus trabalhos sobre o papel do psicólogo e sua enorme revisão crítica das categorias básicas da Psicologia Social (...) trata-se de uma obra de caráter seminal, justamente por formular explicitamente a proposta de libertação no campo da Psicologia” (Guzzo & Lacerda, 2011, p.23).

Nesta perspectiva, Lane considera que,

“caberia à Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade – apenas este conhecimento nos permitirá compreender o homem enquanto produtor da história (...). Deste modo quando as ciências humanas se atêm apenas na descrição, seja macro ou microsocial, das relações entre os homens e das instituições sociais, sem considerar a sociedade como produto histórico-dialético, elas não conseguem captar a mediação ideológica e a reproduzem como fatos inerentes à natureza do homem”. (1984/1999, p.13)

Esta perspectiva apresentada por Lane nos permite entender a natureza das relações e das contradições que o homem vive e que tem de ser consideradas pelos estudiosos do “comportamento social”.

Ainda colocando em questão a Psicologia Social tradicional, de cunho positivista, Lane (1984/1999, p.16) argumenta o seguinte:

- 1) O homem não sobrevive a não ser em relação com outros homens,
- 2) A sua participação, as suas ações, por estar em grupo, dependem fundamentalmente da aquisição da linguagem que preexiste ao indivíduo como código produzido historicamente pela sua sociedade, mas que ele apreende na sua relação específica com outros indivíduos.

Cabe ao Psicólogo Social, entender e aprofundar no estudo empírico das relações grupais em que o sujeito está inserido, na sua linguagem, pensamento e ação.

Ampliando ainda a visão de Lane, citada por Massimi (2000),

se a questão central da psicologia e da psicologia social em particular é a categoria de identidade e se identidade é metamorfose, esta definição se aplica perfeitamente ao contexto sociocultural latino-americano, ao longo de toda sua história. Podemos dizer que a originalidade da perspectiva latino-americana consiste em conceber a identidade não como um processo de homologação, uniformizado e eliminação das diferenças, mas pelo contrário, como uma contínua transformação, como metamorfose, como dinâmica de integração de realidades múltiplas e às vezes contrastantes. Podemos afirmar que está característica é produto de uma história, mas é também uma instância crítica com relação ao processo de globalização que invade nosso presente e, quem sabe, uma esperança para o futuro. (p.55)

Cabe ainda, na análise de Lane, “considerar as *relações grupais* enquanto mediadas pelas *instituições sociais* e como tal, exercendo uma mediação ideológica na atribuição de papéis sociais e representações decorrentes de atividades e relações sociais tidas como “adequadas, corretas, esperadas”, etc., (...) na medida em que, este processo é grupal, tende a caracterizar o desenvolvimento de uma consciência de classe quando o grupo se percebe inserido no processo de produção material de sua vida e percebe contradições geradas historicamente, levando-o a atividades que visam à superação das contradições presentes no seu cotidiano, torna-se um grupo-sujeito da transformação histórico-social”.

A análise das categorias fundamentais acima citadas, leva Lane à constatação da “impossibilidade de delimitarmos conhecimentos em áreas estanques que comporiam o conjunto das Ciências Humanas.

Psicologia, Sociologia, Antropologia, Economia, História, Pedagogia, Linguística são enfoques a partir dos quais todas as áreas contribuem para o conhecimento profundo e concreto do ser humano. Suas fronteiras devem ser necessariamente permeáveis, ampliando o conhecimento, seja do indivíduo, grupo, sociedade e da produção de sua existência material e concreta. (1984/1999, p. 17)

O desafio dos psicólogos sociais, que se propõem ao estudo do comportamento individual e social, será considerar as categorias fundamentais, assim como a complexidade destas ciências e suas implicações. Evitando desta forma uma visão simplista do entorno em que o homem vive e constrói suas relações com pares, comunidades, instituições, organizações.

“Porque somos o que somos?” A resposta, segundo Lane (2000, p.68),

a resposta está na concepção do ser humano que adotamos, podemos ser meras criaturas à mercê de forças superiores, ou então podemos nos tornar sujeitos da História de nossa sociedade, ou seja, capazes de decidirmos sobre quais os valores éticos que irão orientar nossas ações e interações. Para tanto cabe à Psicologia desvendar como são constituídos os valores morais e éticos no psiquismo humano, estruturados em categorias como a atividade, a Consciência, a Afetividade e a Identidade.

Nos estudos do ser humano, Lane (1994, pp.55/56) parte de uma postura materialista-histórica e dialética, que implica uma concepção do ser humano como produto e produtor de história, “o homem irá se constituir como tal a partir do momento em que ele romper a escala filogenética, dando início a um processo ontogenético, decorrente de dois acontecimentos fundamentais: a descoberta da ferramenta e o desenvolvimento da linguagem”.

Lane prossegue, “o fenômeno psicológico a ser estudado é a dialética entre a subjetividade e objetividade, ou seja, a realidade objetiva vivida pelo Indivíduo se torna subjetiva, a qual por sua vez se objetivará por meio das suas ações”.

Ampliando a concepção do ser humano, temos as categorias fundamentais do psiquismo propostas por Vigotsky e que foram sistematizadas posteriormente como categorias dialéticas, por Alex Leontiev (citado em Lane, 1994, pp.55/56), são elas a Atividade, a Consciência e a Personalidade .

A Atividade, que implica em ações encadeadas junto com os outros indivíduos, para a satisfação de uma necessidade comum. Para este “encadeamento” é necessária a comunicação (linguagem), assim como um plano de ação (pensamento), que por sua vez decorre de atividades anteriormente desenvolvidas.

A **Consciência**, que, implica em repensar ações de si e de outros envolvidos, refletir sobre os sentidos pessoais atribuídos às palavras, confrontá-las com as consequências geradas pela atividade desenvolvida pelo grupo social; nesta reflexão se processa a *consciência* do indivíduo, que é indissociável enquanto de si.

A **Personalidade** como “decorrente do princípio de que o homem, ao agir, transformando o seu meio se transforma, criando características próprias que se tornam esperadas pelo seu grupo no desenvolver de suas atividades e de suas relações com outros indivíduos” (1984/1999, p.17).

Perante estas categorias, Lane faz algumas reformulações: a primeira aponta para a identidade como uma categoria síntese que inclui as demais; esta culmina com o estudo de Antonio da Costa Ciampa (1987) que,

mediante a análise dialética de uma história de vida (Severina) constata que a Identidade Social se constitui num processo de metamorfose/cristalização do Eu decorrente do conjunto das relações sociais vividas pelo sujeito (...) Segundo Leontiev a personalidade se constituiria das características peculiares ao indivíduo decorrentes das interações sociais, sendo por tanto um processo contínuo. (citado em Lane, 1994, pp.56/57)

A segunda reformulação proposta por Lane (1994, p.56) e emergente de várias pesquisas, foi “a constatação da importância das emoções como uma mediação, ao lado da linguagem e do pensamento, na constituição do psiquismo humano”.

Pesquisas de Bader Sawaia (1987), Silvia Friedman (1985 e 1992) e Edna Takahashi (1991) realizadas no Brasil (citadas por Lane 1994, p.57), constatarem que o movimento da consciência é impulsionado por emoções:

a natureza social e o caráter comunicativo das emoções (...) podem tanto desencadear o desenvolvimento da consciência como fragmentá-la (...). E um processo comunicativo existe sempre um emissor e um receptor e, sendo as emoções desenvolvidas socialmente, torna-se necessário também o estudo das instituições sociais que trabalham com mensagens emocionais – provavelmente o grande veículo ideológico. (p. 57)

Lane reforça a constatação “da natureza mediacional das emoções na constituição do psiquismo humano, porque estão sempre presentes nas ações, na consciência e na identidade (personalidade) do indivíduo, diferenciando-se social e historicamente por meio da linguagem”.

Lane (1994) conclui refletindo,

se antes substituísimos a categoria Personalidade por Identidade, constituída historicamente no conjunto das relações sociais do Indivíduo, agora tudo parece indicar que a Afetividade seja tão fundamental para o ser humano quanto a Consciência e a Atividade (...) como demonstrou Vigotski, a linguagem e o pensamento são predominantes na constituição da Consciência. Emoções não poderiam ser para a Atividade, e ambas as mediações constituiriam a Atividade?. Nesta reformulação, a Identidade seria uma categoria síntese na qual a mediação das outras duas pessoas seria predominante. Não esquecendo jamais que estas categorias estão em mutua interdependência, umas imbricadas nas outras, assim como as mediações se interpenetram. (p. 59)

É dentro da compreensão da Psicologia Social Crítica, sustentada na visão do homem como produto social, inserido numa realidade sócio-histórica particular que contextualizamos nosso trabalho.

Cap.3 – A Formação da Identidade, Sociedade e Instituições

3.1. Comunidade, Instituições, Sociedade

Um primeiro recorte do entorno social e institucional em que o indivíduo nasce, cresce e se socializa, nos permitirá entender o papel que a sociedade e as instituições desempenham na formação da identidade individual.

Como afirma Mead¹ (*in* Morris, 2010, p.283), o indivíduo, ao nascer dentro de determinado contexto social e institucional, é influenciado pelo conjunto de regras, padrões que regem essa sociedade.

Quando o autor (2010) se refere às instituições da sociedade, considera que a instituição representa uma resposta comum por parte de todos os membros da comunidade, diante de uma situação específica,

as instituições da sociedade são formas organizadas de atividade social ou grupal, formas organizadas de forma a permitir que os membros individuais da sociedade possam agir adequada e socialmente, adotando as atitudes dos outros com respeito a essas atividades. (p.282)

Isto significa que essa resposta comum, embora possa se manifestar de diversas maneiras, reproduz o modelo de organização dessa sociedade, justificando, segundo Mead (*in* Morris, 2010), porque

a assimilação da resposta social pelo individuo constitui o processo de educação que domina os meios culturais da comunidade, de maneira mais ou menos abstrata. A educação é, definitivamente, o processo de dominar um determinado conjunto organizado de respostas à sua própria estimulação, e até que a pessoa seja capaz de responder a si mesma da maneira como o faz à comunidade, ela não pode genuinamente pertencer a tal comunidade. Ela pode pertencer a uma pequena comunidade, assim como o garotinho pertence a uma gangue em vez de à cidade em que vive. (pp. 285/286)

Mas, como Mead (*in* Morris, 2010, p.282) destaca, “ao encontrarmos instituições sociais opressoras, estereotipadas e ultraconservadoras que esmagam ou apagam a individualidade ou desencorajam quaisquer manifestações originais e peculiares do pensamento e do comportamento por parte do self individual ou de outras personalidades envolvidas nelas e sujeitas a elas”, limitam as possibilidades do indivíduo encontrar espaço

¹ A primeira edição da obra de George H. Mead data de 1934 sob o título “Mind, Self & Society”. A primeira edição em espanhol surge em 1953 sob o título “Espiritu, Persona y Sociedad”. A primeira edição em português surge em 2010, sob o título “Mente, Self e Sociedade”, organizada por Charles W. Morris.

para outros comportamentos ou realizações diferentes das que o padrão social ou institucional impõe.

Por outro lado, Mead (*in* Morris, 2010, p.276) aponta que “o indivíduo é o que é como personalidade consciente e individual, apenas na medida em que for membro de uma sociedade e estiver envolvido no processo social da experiência e da atividade e, com isso, manifestar condutas socialmente controladas”.

O desenvolvimento deste processo, segundo Mead (*in* Morris, 2010) depende de se perceber a atitude do grupo como algo distinto da atitude de um indivíduo separado; depende de se obter o “outro generalizado” que se configura “na medida em que uma pessoa assume a atitude de outrem no grupo, ela deve levá-la para sua relação com a ação dos demais membros do grupo e, para que possa lograr um completo ajustamento, teria de levar em conta as atitudes de todos os envolvidos no processo (...) em todos os processos inteligentes, somos capazes de assumir os papéis daqueles que estão envolvidos na atividade a fim de tornar inteligente nossa própria ação (...)”. Assim “a organização das respostas sociais torna possível que o indivíduo evoque a si mesmo não apenas uma só das respostas do outro, mas por assim dizer a resposta da comunidade como um todo” Mead (*in* Morris, 2010, p.276/288).

Podemos assim entender que as respostas do indivíduo reproduzem as influências das instituições e da sociedade em que nasceu e se socializou. Estas influências são determinantes, para limitar ou ampliar possibilidades de realização do indivíduo.

3.2. Formação da identidade e papéis

Goffman (1975/1985) nos apresenta uma perspectiva sociológica para ampliar o conhecimento sobre a formação da identidade. É através da representação teatral e lançando mão de princípios de caráter dramático que o autor nos apresenta sua abordagem.

Para o autor, representação é entendida como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (p.29).

Já o conceito de indivíduo foi dividido em dois papéis fundamentais, como ator e como personagem. “O papel de ator como sendo um fabricante de impressões envolvido na tarefa humana de encenar representações. O segundo papel - o de personagem - sendo a figura com força e qualidades à representação que lhe cabe por finalidade evocar” (p.231).

Quando ocorre uma ruptura na forma ou maneira perante a qual a pessoa se apresenta na interação, cria um embaraço nela própria, como também, na forma como pode ser tratada pelos demais. Isto nos remete a outro conceito relevante na teoria de Goffman (1975/1985), o conceito de fachada, entendida como

toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência (...). É a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação (...). É o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (p.29)

Os conceitos de fachada e de papel são complementares. Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel.

Fachada é “a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação (...). É o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a representação” (1975/1985, p.29).

Temos também outros elementos importantes que fazem parte da fachada: a aparência e a maneira, que irão se configurar de acordo com a função exercida e pela informação que esses estímulos transmitem. “Aparência” são os estímulos que o ator apresenta para revelar sua posição, seu status social de ator. “Maneira” são os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima.

No ambiente profissional, por exemplo, o cenário estaria representado pelo local físico de trabalho e as pessoas circulando com determinadas vestes (atores) atuando de determinadas maneiras, entendidas como adequadas para aquele espaço (cenário). As diversas representações dos atores (na forma de personagens) naquele espaço é que determinam a coerência da cena naquele espaço.

Na construção de novos personagens, somente haverá realização dramática (na linguagem de Goffman) se os homens vivem a realidade como uma realidade subjetivamente dotada de sentido. Ela se sustenta pelas objetivações que são entendidas como a produção

humana de sinais, que se agrupam em sistemas e que podem ser objetivamente acessíveis pelas outras pessoas.

Cabe ressaltar que a linguagem teatral utilizada pelo autor (atores, plateias, rotinas e papéis, etc.) foi “uma tentativa de insistir numa simples analogia; em parte retórica e estratégia. A afirmação de que o mundo inteiro é um palco é suficientemente corriqueira para que os leitores estejam familiarizados com suas limitações e tolerantes com a apresentação dela” (Goffman, 1975/1985, p.23).

Para finalizar, acrescenta,

“Este trabalho não está interessado nos aspectos do teatro que se insinuam na vida cotidiana. Diz respeito à estrutura dos encontros sociais – a estrutura daquelas entidades da vida social que surgem sempre que as pessoas entram na presença física imediata de umas das outras. (...) Uma ação encenada num teatro é uma ilusão relativamente tramada, sendo admitida como tal; ao contrário da vida normal, nada de real ou de verdadeiro pode acontecer aos personagens representados”. (1975/1985, p.232)

A abordagem de Goffman (1975/1985), e as metáforas dramáticas que utiliza, ampliam as possibilidades de apreender conteúdos associados aos processos de formação da identidade.

Ciampa (1987/2001) soube articular o uso da linguagem da dramaturgia para aprofundar no estudo dos processos identitários de “Severina” quando destaca:

Afirmamos que a identidade é posta sob a forma personagem. Por outro lado, vimos que personagens traduzíveis por proposições substantivas refletem uma concepção de identidade como traço estático de que um indivíduo é dotado. Finalmente descobrimos que a visão quotidiana e pragmática de personagem se constitui pela atividade, sendo traduzível por proposições verbais. (O papel é uma atividade padronizada previamente.). (p.136)

3.3. O processo de socialização

Partindo dos conceitos de Berger e Luckmann (1973/2012), sendo a realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, qualquer compreensão teórica - como processo dialético - deve abranger estes momentos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização.

Estes momentos *não* devem ser pensados como ocorrendo em uma sequência temporal. Ao contrário, a sociedade e cada uma de suas partes são simultaneamente caracterizadas por estes três momentos (...) o mesmo é verdade com relação a um membro individual da

sociedade, o qual simultaneamente exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza este último como realidade objetiva (...) estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade (...) o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. (p.167)

Para os autores, o ponto inicial deste processo é **a interiorização**, que implica na apreensão imediata de acontecimentos objetivos dotados de sentido e que sejam subjetivamente significativos para a pessoa. Este processo, “é a base da compreensão e da apreensão do mundo (...) e é através dele que o indivíduo se incorpora no mundo em que chega e em que os outros já vivem e aprende a conhecer e entender os processos objetivos e subjetivos desse mundo. Somente depois de ter realizado a interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade” (pp.168/169).

“Somente depois de ter realizado este grau de interiorização é que o indivíduo se torna um membro da sociedade. O processo ontogenético pelo qual se realiza é a socialização que pode assim ser definida como a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (p.169).

Este processo, continuam os autores citados, começa com a socialização primária, que cria as bases para toda a socialização posterior, a chamada socialização secundária.

Sobre a socialização primária, os autores sustentam que este processo tem para o indivíduo o valor mais importante. Berger e Luckmann (2012) ressaltam que:

Todo indivíduo nasceu em uma estrutura social objetiva, dentro da qual encontram os outros significativos que se encarregam da sua socialização. Estes outros significativos lhe são impostos. As definições dadas por estes à situação dele apresentam-se como a realidade objetiva. Desta maneira nasceu não somente em uma estrutura social objetiva, mas também em um mundo social objetivo. (p.169)

“A socialização primária implica mais do que o aprendizado puramente cognoscitivo. Ocorre em circunstâncias carregadas de alto grau de emoção” (Berger & Luckmann, 1973/2012, pp.170/171). (...) a criança identifica-se com os outros significativos por uma multiplicidade de modos emocionais. Quaisquer que sejam, a interiorização só se realiza quando há identificação. A criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os tornando-os seus. Por meio desta identificação com os outros significativos a criança torna-se capaz de identificar a si mesma, se adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível. Implica uma dialética entre a identificação pelos outros a

autoidentificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada.

Berger e Luckman (1973/2004, p.174) acrescentam que na socialização primária “não há *problema* de identificação. Não há escolha dos outros significativos. A sociedade apresenta ao candidato à socialização um conjunto antecipadamente definido de outros significativos, que ele tem de aceitar como tais sem possibilidade de optar por outro arranjo”. A socialização primária, na visão dos citados autores termina,

quando o conceito do outro generalizado (e tudo quanto o acompanha) foi estabelecido na consciência do indivíduo. Neste momento é um membro efetivo da sociedade e possui subjetivamente uma personalidade e um mundo. Mas esta interiorização da sociedade, da identidade e da realidade não se faz uma vez para sempre. A socialização nunca é total nem está jamais acabada. (p.178)

A socialização secundária é entendida por Berger e Luckman (1973/2012) como:

qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado, em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. É a interiorização de submundos institucionais ou baseados em instituições. O conteúdo do que é ensinado tem uma inevitabilidade muito menos subjetiva do que na sociabilidade primária. Na sociabilidade secundária o homem estabelece uma distancia entre seu “eu total” e sua realidade de um lado, e o “eu parcial” e funcionalmente específico e a realidade deste, de outro lado. (pp.169/170)

Na socialização secundária, a extensão e o caráter destes mundos - baseados em instituições - são “determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento (...) a socialização secundária e a aquisição do conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho. Ao mesmo tempo são também adquiridas “compreensões tácitas”, avaliações e colorações afetivas” (Berger & Luckman, 1973/2012, p.178).

“Os submundos interiorizados na socialização secundária são geralmente realidades parciais, em contraste com o “mundo básico” adquirido na socialização primária. Contudo, eles também são realidades mais ou menos coerentes, caracterizadas por componentes normativos e afetivos, assim como cognoscitivos” (p.179).

Retomando agora os conceitos de identidade, Berger e Luckman (2004) agregam o seguinte:

a identidade é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada *juntamente com* este mundo (...), dito de outra maneira todas as identificações realizam-se em horizonte que implicam um mundo social específico (...) a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade e os tipos de identidade são produtos sociais. (p.171)

Portanto, construir novas identidades passa por incorporar novas realidades subjetivas, e como tal, construir novas relações dialéticas com a sociedade. Se a identidade é formada por processos sociais, a construção de novas identidades passará também por novos aprendizados e novos processos de socialização.

Continuando a análise de Berger e Luckmann sobre a formação na consciência do “outro generalizado” como fase decisiva na socialização do indivíduo, os autores se remetem a Mead para explicar este processo.

Para Mead (*in* Morris, 2010), o grupo social dá ao indivíduo a sua unidade de *self*, pode ser chamada de ‘o outro generalizado’. A atitude do outro generalizado é a atitude da comunidade inteira. O autor considera condição que para uma pessoa desenvolver um *self* no seu mais pleno sentido, não é suficiente adotar atitudes que outros indivíduos tomam em relação a si e em relação aos outros porque,

ele deve também no mesmo sentido em que adota as atitudes dos outros em relação a si e de uns em relação aos outros, tomar atitudes deles com respeito às varias fases e aspectos da atividade social comum ou do conjunto de iniciativas sociais em que, como membros de uma sociedade organizada ou um grupo social, estão todos envolvidos. Depois, generalizando essas atitudes individuais da sociedade organizada, ele deve agir em relação a diferentes projetos sociais que, a qualquer momento, estejam em andamento, ou agir em relação às várias fases mais amplas do processo social que constitui sua vida e da qual esses projetos são manifestações específicas. (pp.171/172)

Na concepção do autor,

é na forma de outro generalizado que o processo social influencia o comportamento dos indivíduos envolvidos nele e promove sua manutenção, ou seja, a comunidade exerce controle sobre a conduta de seus membros individuais (...) Mas somente quando adota a atitude do outro generalizado em relação a si (...) é que o indivíduo pode efetivamente pensar, pois só então é que ocorre o pensamento ou o diálogo internalizado de gestos que constitui o pensamento. (p.173)

Na relação eu-outro que Mead (*in* Morris, 2010) nos apresenta, destaca também que:

nós não somos apenas aquilo que é comum a todos: *o self* de cada um de nós é diferente do de todos os demais, mas deve existir uma

estrutura comum. (...) Não podemos ser nós mesmos, a menos que também sejamos membros de uma comunidade de atitudes que controlam as atitudes de todos. Não podemos ter direitos, a menos que tenhamos atitudes comuns. Aquilo que adquirimos, como pessoas autoconscientes, faz de nós membros de tal sociedade e nos outorga um self. (p.181)

“Um indivíduo possui seu *self* apenas em relação ao *self* de cada um dos outros membros de seu grupo social, e a estrutura de seu *self* expressa ou reflete o padrão geral de comportamento deste grupo social ao qual ele pertence, assim como acontece com a estrutura do *self* de todos os demais indivíduos que pertencem a esse grupo social” (2010, p.181).

Abordando agora o processo de socialização primária sob outras perspectivas, Mead (*in* Morris, 2010), considera que:

o comportamento de todos os organismos vivos, tem um aspecto basicamente social: as necessidades e os impulsos fisiológicos ou biológicos fundamentais que se encontram na base de todos esses comportamentos, são impulsos e necessidades que, em seu sentido mais amplo, tem um caráter social ou implicações sociais, uma vez que envolvem ou requerem situações e relações sociais para sua satisfação, seja qual for o organismo individual. (p.248)

Mead *in* Habermas (2012, vol.2), acrescenta:

nós somos o que somos em virtude da nossa relação com os outros. Por isso, nosso objetivo tem de ser inevitavelmente um objetivo social, tanto em relação ao seu conteúdo como em relação à forma. A sociabilidade é a causa da universalidade dos juízos éticos e a base em que se assenta a afirmação amplamente difundida segundo a qual a voz de todos é a voz geral, isto é, todo aquele que julga racionalmente a situação pode também dar seu assentimento. (p.170)

Retomando Mead (*in* Morris, 2010),

a família é a unidade fundamental de reprodução e manutenção da espécie; é a unidade da organização social humana em termos das quais essas atividades ou funções biológicas vitais são executadas ou realizadas. E todas as unidades ou formas maiores de organização social humana, como o clã ou o estado, baseiam-se e (direta ou indiretamente) são, em última instância, desenvolvimentos ou extensões da família (...). Em suma, toda a sociedade humana organizada – inclusive em suas formas mais complexas e altamente desenvolvidas – é, em certo sentido, uma extensão e ramificação daquelas relações sociofisiológicas simples e básicas que envolvem seus membros individuais (relações entre os sexos, resultantes de sua diferenciação fisiológica e, relações entre pais e filhos) e sobre as quais foi fundada e das quais se origina. (p. 249)

Todos nós temos órgãos vocais e auditivos e, na medida em que nosso desenvolvimento é normal, somos todos capazes de nós influenciar tanto quanto influenciarmos os outros. É a partir dessa capacidade, de sermos influenciados por nossos próprios gestos tanto quanto influenciarmos os outros, que surgiu a forma peculiar do organismo social humano composto por seres que, quanto a isso, são fisiologicamente idênticos. (p.255)

Retomando ainda o processo de socialização primária e na importância do papel da família, Cervený (2012), argumenta:

o processo de ser e pertencer é construído junto à família, com sua herança que é genética e também é sociocultural, então, é importante pensarmos no papel das outras redes nesse processo. Por meio da nossa história intergeracional pertencemos a uma família, construímos nossa identidade, fazemos parte de uma sociedade e estamos inseridos em uma determinada cultura. (pp. 39/40)

O estudo do sujeito inserido num contexto social particular leva-nos a incluir na análise da formação da identidade, o legado familiar intergeracional que nos permite perceber o “intersujeito”.

Este sujeito, nas citações de Habermas (2012, vol.2) está inserido num contexto familiar e, ao mesmo tempo, num contexto social e institucional onde o *status quo* é assegurado à custa da exploração dando espaço as “patologias no mundo da vida”, caracterizando-os como “reificação” da prática comunicativa cotidiana. O autor argumenta:

Entretanto, as deformações do mundo da vida só assumem a forma de uma “reificação de relações comunicativas nas sociedades capitalistas”, portanto lá onde as crises são deslocadas para o interior do mundo da vida pela porta de entrada das economias domésticas privadas (...) o diagnóstico sobre a disjunção entre o mundo da vida e sistema oferece, além disso, uma perspectiva modificada para a avaliação da mudança das estruturas da família, da educação e do desenvolvimento da personalidade”. (2012, p.695)

A família, prossegue Habermas (2012, vol.2, p.696), questionando a pouca importância dada ao papel da família cita, “era tida como a agência por meio da qual os imperativos do sistema se imiscuíam nos destinos das pulsões; mas ela não foi levada a sério em sua estrutura comunicativa interior”.

Consideramos relevante colocar a visão de Habermas (2012, vol.2) sobre os problemas envolvendo o distanciamento da família e a formação de uma identidade do jovem moderno,

Os problemas envolvendo o distanciamento da família e a formação de uma identidade própria transformam o desenvolvimento do jovem nas sociedades modernas - não mais assegurado institucionalmente -

num teste para a relação entre as gerações. Todavia, se as condições de socialização da família já não estiverem afinadas funcionalmente com as condições de filiação das organizações a que os adolescentes um dia pertencerão, os problemas que os jovens têm de resolver durante a adolescência serão insolúveis (...). Indícios deste fato podem ser observados na importância que a sociedade e até a política vêm atribuindo, desde o final dos anos 1960 às culturas de protesto difundidas entre os jovens. (p.698)

São estes alguns dos desafios que as novas gerações de jovens nas sociedades pós-contemporâneas começam a enfrentar e para as quais parece não haver respostas ainda. Futuros estudos de formação de identidade terão de considerar cada vez mais a relação entre gerações para o estudo da identidade. Ainda, segundo Habermas (2012, vol.2):

Caso nos decidamos a atribuir as mudanças decisivas da socialização familiar a uma racionalização do mundo da vida, a interação socializadora constituirá o ponto de referência para a análise do desenvolvimento do eu e a comunicação sistematicamente distorcida, isto é, reificação de relações interpessoais, constituirá o ponto de partida para a investigação da gênese patológica. (p.699)

A teoria do agir comunicativo, para Habermas oferece uma resposta a estas questões da modernidade.

3.4 . Identidade

Mead (*in* Morris, 2010) deixa claro que o desenvolvimento do *self* (identidade) é de caráter social e que é através da comunicação significativa que o homem se insere na sociedade. “Em seu sentido significante, a linguagem é aquele gesto vocal que tende a despertar no indivíduo a mesma atitude que este elicia nos outros, e é esse aperfeiçoamento do *self* pelo gesto que media as atividades sociais que dá origem ao processo de assumir o papel do outro” (p.178). O autor amplia estes conceitos ao indicar os estágios do desenvolvimento da identidade. Ele trabalha dois estágios:

o primeiro, o *self* individual é simplesmente constituído de uma organização de atitudes particulares de outros indivíduos em relação a ele e aos demais, constituído dos atos sociais específicos dos quais todos participam conjuntamente. Mas, no segundo estágio do desenvolvimento total do *self* do indivíduo, este é constituído não só por uma organização das atitudes individuais particulares, mas também por uma organização das atitudes sociais do outro generalizado ou do grupo social como um todo ao qual ele pertence (...) tornando-se assim um reflexo individual do padrão sistemático geral do comportamento social ou grupal em que este e outros estão envolvidos, um padrão que entra como um todo na experiência do indivíduo em termos dessas atitudes grupais organizadas que, por

meio do mecanismo do seu sistema nervoso central, ele adota com relação a si mesmo da mesma forma como adota as atitudes individuais dos outros. (pp.175/176)

Para Habermas, (1976, pp.69/70), “na identidade do Eu se expressa a relação paradoxal pela qual o Eu como pessoa em geral, é igual a todas as outras pessoas, ao passo que - enquanto indivíduo - é diverso de todos os demais indivíduos. Por isso, a identidade do Eu pode se confirmar na capacidade que tem o adulto de construir, em situações conflitivas, novas identidades, harmonizando-as com as identidades anteriores agora superadas, com a finalidade de organizar – numa biografia peculiar – a si mesmo e às próprias interações, sob a direção de princípios e modos de procedimento universais.”

Para o autor, a criança forma sua identidade na medida em que se constitui para ela um mundo social ao qual ela pertence e um mundo subjetivo, complementar ao primeiro; tal mundo subjetivo, que ela pode acessar de modo privilegiado, é delimitado em relação ao mundo exterior dos fatos e das normas.

A relação entre estes dois mundos se forma no intercâmbio entre esses dois componentes da identidade, isto é, entre o “I” e o “Me”. O primeiro componente (o “I”) representa inicialmente a subjetividade da natureza de carências que se manifesta de modo expressivo; o segundo componente representa o caráter cunhado mediante papéis sociais (o “Me”). Estes dois conceitos do eu correspondem, segundo Mead (citado em Morris, 2010, pp.182/186), às instancias do “id” e do “superego” da teoria freudiana.

Habermas (2012, vol.2, pp.180/181) retoma o conceito de *self* usado por Mead, associando-o ao conceito de “identidade”, a identidade dos indivíduos com a identidade do grupo a que pertencem. Este sentido de “identidade” é sustentado pelo autor numa teoria da linguagem em que estes processos de identificação participam por seu turno, da construção e da manutenção das estruturas simbólicas que viabilizam a identificação linguística de grupos e pessoas.

Os conceitos de identidade de papéis e identidade-eu apresentados por Habermas (2012), baseados em Mead, nos permitem ampliar os conceitos de identidade. Para o autor:

É possível adquirir uma identidade convencional ou pessoal vinculada a determinadas normas e papéis, porque a criança internaliza os padrões de comportamento que lhe são atribuídos, apropriando-se deles de certa forma. Mead faz uma distinção entre essa *apropriação de uma identidade atribuída* e a identidade que se afirma, de certa forma, por *virtude própria*. A partir daí, ele elabora dois aspectos da “*identidade-eu*”, tomando como referencia contrafática o discurso

universal: de um lado a capacidade de um agir autônomo na base de orientações universalistas da ação e, de outro lado, a capacidade de se realizar numa história de vida, à qual damos continuidade pelo fato de assumi-la de modo responsável. (pp.193/194)

Trazendo estes conceitos à prática, citando Habermas (2012, pp.194/195), teríamos que, “no nível da identificação de papéis, uma pessoa se entende mediante as respostas que dá as perguntas: "que tipo de homem nós somos (nos tornamos)?" ; que caráter possuímos (adquirimos)?" . Já no nível da "identidade-eu", uma pessoa se entende respondendo a uma outra pergunta: "quem pretendo ser ou que tipo de homem quero ser"?. Estas duas dimensões mostram que, “a orientação pelo passado (papéis) é substituída por uma orientação pelo futuro (identidade-eu) que, embora com questionamentos, permite pressupor que o conceito de "identidade- eu" é útil uma vez que ele se encontra - de fato - nas instituições dos membros das modernas sociedades, depositando-se cada vez mais em expectativas sociais.

Lima e Gonçalves Neto (2014), considerando as visões de Mead e Habermas, propõem uma definição não essencialista e pós-metafísica do conceito de identidade pessoal,

A identidade pessoal se forma na competência linguística de referir-se a si mesmo no uso da linguagem em primeira pessoa (tanto pela dimensão cognitiva, quanto pela dimensão performativa da linguagem). Sob essa perspectiva o conceito de identidade pessoal deve ser utilizado para se referir à percepção/concepção de si que se configura em operações linguístico-comunicativas de autorreferenciação. Essa percepção/concepção de si (...) se configura intersubjetivamente (...) a identidade (mesmo a pessoal) desde sempre é social. (p.359)

Berger e Luckmann (1973/2012) definem a identidade como localização em um certo mundo e que somente pode ser subjetivamente apropriada juntamente com este mundo:

Todas as identificações realizam-se em horizonte que implicam um mundo social específico. A criança aprende que é aquilo que é chamada. Todo nome implica numa nomenclatura, que por sua vez implica numa localização social determinada. Receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo. Assim como esta identidade é subjetivamente apreendida pela criança, o mesmo se dá com o mundo para o qual esta identidade aponta. A apropriação subjetiva da identidade e a apropriação subjetiva do mundo social são apenas aspectos diferentes do mesmo processo de interiorização, mediatizado pelos mesmos outros significativos. (pp.171/172)

Habermas (2012) nos apresenta um conceito de identidade psicológico e social que amplia o entendimento da “autonomia pessoal”:

Identidade constitui uma característica complexa que pode ser adquirida pelas pessoas a partir de uma certa idade. Elas não são obrigadas a tê-la, nem podem possuí-la em cada caso. Porém, quando a adquirem, elas se tornam *autônomas* graças a ela. Elas podem se libertar da influência dos outros; podem dar a sua vida uma forma e uma continuidade que antes só eram possíveis por influência externa. Nesse sentido elas passam a ser indivíduos autônomos, graças a sua identidade. (p.185)

Ciampa (1987) nos apresenta a tese de identidade como metamorfose, a realidade como movimento e transformação; como tal, sempre numa busca de superação permanente. Esta busca pode criar ou não condições para a autonomia pessoal e superação da medida em que o contexto social e histórico em que o homem vive abre possibilidades para essa realização. Na interação com o ambiente a identidade surge como representação de estar-se (como uma parcialidade) e que se converte num pressuposto do ser (como uma totalidade), transformando a identidade num dado sempre presente, seja história de vida, seja o projeto de vida.

3.5. O conceito de reconhecimento e a importância no estudo da identidade

Axel Honneth (2003, p.125) afirma que nenhuma outra teoria reconhece a ideia de que os sujeitos humanos devem sua identidade à experiência de um reconhecimento intersubjetivo, tal como foi desenvolvida de maneira tão consistente, na psicologia social de G.H. Mead.

Ora, Hegel e Mead, distinguiram do amor e da relação jurídica uma outra forma de reconhecimento recíproco (...), coincidindo em grande medida na definição de sua função: para poderem chegar a autorrelação infrangível, os sujeitos humanos precisam ainda, além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhe permita referir-se positivamente a suas propriedades e capacidades concretas. (Honneth, p.198)

Esta estima social, por um determinado padrão de reconhecimento ganha sentido para o indivíduo porque há um conjunto de valores intersubjetivamente partilhado.

Honneth (2003) acrescenta que:

a autocompreensão cultural de uma sociedade predetermina os critérios pelos quais se orienta a estima social das pessoas, já que suas capacidades e realizações são julgadas intersubjetivamente (...) nesse sentido, essa forma de reconhecimento recíproco esta ligada também à pressuposição de um contexto de vida social cujos membros

constituem uma comunidade de valores mediante a orientação por concepções de objetivos comuns. (p.200)

Isto mostra que os critérios de reconhecimento social estão ligados aos valores de cada sociedade e determina - de certa forma - como cada sociedade vai se comportar.

A medida da reputação de uma pessoa é definida nos termos da honra social: a eticidade convencional dessas coletividades permite estratificar verticalmente os campos das tarefas sociais de acordo com a sua suposta contribuição para a realização dos valores centrais, de modo que lhes podem ser atribuídas formas específicas de conduta de vida, cuja observância faz com que o indivíduo alcance a “honra” apropriada a seu estamento. (p. 201)

Esta forma de “reconhecimento” social, que Honneth nos apresenta é percebida claramente como uma forma de pressão social que, diante do risco de perder posições de prestígio na estrutura da comunidade, das organizações, da sociedade em geral, pode levar ao sofrimento e a angústia; a percepção de não ter a resposta à pergunta “quem sou eu como pessoa” ganha relevância aqui.

3.6. Identidade e busca de sentido

Para Frankl (2008), a busca pelo indivíduo por um sentido é a motivação primária na vida e não uma “racionalização secundária de impulsos instintivos”. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por uma determinada pessoa.

A frustração existencial também pode resultar em neuroses, chamadas por Frankl como “neuroses noogênicas” porque elas não surgem de conflitos entre impulsos e instintos, mas de problemas existenciais. Entre esses problemas, a frustração da vontade de sentido desempenha papel central. O autor vai mais longe na sua análise, argumenta que o ser humano não precisa de homeostase mas de “noodinâmica”, isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um polo está representado por um sentido a ser realizado e o outro polo, pela pessoa que deve realizá-lo.

A falta de sentido pode se transformar numa sensação de vazio existencial, isto é, a pessoa não sabe sequer o que deseja fazer; ao invés disso, ele opta por fazer o que os outros fazem (conformismo) ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo).

3.7. A emancipação no mundo da vida e no mundo que vivemos.

Segundo Habermas (2012, p.180), a comunidade de comunicação ideal tem como característica própria uma "identidade do eu" que possibilita "a autorrealização na base de um agir autônomo". Ela se comprova mediante a capacidade de dar continuidade a própria história de vida. Pois no decorrer de processo de individuação, o indivíduo tem como extrair sua identidade das linhas do mundo da vida concreto e de seu caráter, o qual se apegar a tal procedência.

A partir daí, o autor continua, "a identidade do eu tem de ser estabilizada mediante capacidade abstrata que permite fazer jus a exigências de consistência e a condições de reconhecimento, mesmo no caso de experiências de papéis incompatíveis e também quando se tem uma série de subsistemas de papéis contraditórios". A "identidade-eu" do adulto se comprova na capacidade de construir novas identidades a partir de identidades rompidas ou superadas que se integram nas antigas a ponto de permitir uma nova organização da malha de interações; forma-se a partir daí, a unidade de uma história de vida imputável e, ao mesmo tempo, inconfundível.

Tal identidade-eu possibilita o autodesenvolvimento e a autodeterminação (...) que se estabelece entre o "I" e o "Me" no nível de uma identidade vinculada a papéis sociais. Na proporção que assume sua biografia e responde por ela, o adulto tem condições de retornar a si mesmo seguindo as pegadas das próprias interações. Somente quem assume sua história de vida tem condições de ver nela a realização de si mesmo. Assumir responsavelmente uma biografia significa, em primeiro lugar, adquirir clareza sobre quem queremos ser. E, em segundo lugar, implica em considerar as pegadas das próprias interações como se fossem sedimentações das ações de um autor imputável, portanto de um sujeito que agiu no terreno de uma relação autorrefletida.

Para Habermas (2012, p.200), "uma conduta de vida autônoma depende, por seu turno, da decisão envolvendo aquilo que alguém pretende ser (...). A resposta à questão do que pretendemos ser não pode ser racional no mesmo sentido em que uma decisão moral e racional (...). Na escolha de um projeto de vida se oculta um momento de arbítrio inamovível. E este deriva do fato do indivíduo não ser capaz de assumir uma atitude hipotética em relação a sua procedência, isto é, ele não consegue negar ou afirmar sua biografia do mesmo modo que nega uma norma cuja pretensão de validade está sendo questionada. Por maior que

seja o grau de individualização, não conseguimos adquirir um distanciamento semelhante com relação a própria conduta de vida”.

Mead, (*in* Habermas, 2012), enfatiza esse ponto afirmando:

uma das principais diferenças que saltam aos olhos quando se compara uma sociedade humana primitiva com uma sociedade civilizada reside no fato de que, na sociedade primitiva, a felicidade individual, o pensamento e o comportamento dependem muito mais do padrão geral da atividade social organizada (...). Já na sociedade civilizada, a individualidade se manifesta muito mais na recusa e na realização modificada dos respectivos tipos sociais do que no conformismo. Ela tende a ser muito mais diferenciada e específica do que na sociedade primitiva. Porém nas variantes mais modernas e desenvolvidas da civilização humana, o indivíduo particular, por mais original e criativo que seja seu pensamento ou comportamento, assume sempre e necessariamente uma determinada relação com os padrões gerais de comportamento e da atividade social, à medida que os reflete na estrutura da sua identidade e da sua personalidade - um padrão que revela o processo de vida social em que está inserido e do qual sua identidade e sua personalidade constituem uma expressão criativa. (p.201)

À proporção que uma pessoa desenvolve considerações racionais para decidir o que pretende ser, ela não se orienta por critérios morais, e sim pelos critérios de felicidade e sucesso (...). Isto porque o modo de viver dos indivíduos esta entrelaçado com a forma de vida das coletividades às quais pertencem. O sucesso de uma vida não se avalia por medidas de correção normativa, mesmo que as medidas de uma vida bem-sucedida não sejam inteiramente independentes de medidas morais (...). As formas de vida assim, como as histórias de vida, cristalizam-se em torno de identidades particulares. Estas não podem contradizer exigências morais, mesmo assim, sua substância não pode ser justificada sob pontos de vista universalistas. (pp.202/203)

Construir novas identidades a partir de identidades rompidas e/ou superadas, implica num mergulho na própria história individual e a apropriação dessa história; que, por sua vez, implica também em incorporar, através da interação social, novos papéis sociais, dentro da sociedade, instituição e família em que o indivíduo se localiza. Este é o grande desafio do indivíduo na modernidade.

Cap.4 – Análise das Narrativas – Socialização Primária

Apresentamos aqui os relatos dos irmãos - gêmeos, aqui chamados de Ricardo (Ri) e Rogério (Ro). Optamos por apresentar os relatos por temas, alternando a narrativa de um e de outro. Acreditamos que desta forma, a maneira como cada um se apresenta, a narrativa tecida e dinâmica da relação entre ambos ficam mais claras. As conversas foram realizadas com cada um em dias, horários diferentes. Seguimos a metodologia da narrativa- história de vida, conforme descrito no Capítulo 01.

4.1. As Apresentações e a Socialização Primária

Ri - Eu tenho 49 anos, sou casado, tenho dois filhos, aliás, muito bem casado e com dois filhos maravilhosos, faço questão de ressaltar.

Apresenta-se falando dos seus papéis como pai e como marido, não fala seu nome, tampouco da sua família de origem nesta primeira apresentação. O papel de ator, como diria Goffman, é de um fabricante de impressões. É a fachada, a parte do desempenho que funciona regularmente de forma geral e fixa. RI recorre aos papéis “convencionais” numa apresentação.

Ro - Sempre é difícil a gente se definir, porque não é uma coisa simples. Vim de uma família humilde, tenho um irmão gêmeo e uma irmã.

Fala dele e dos irmãos já na apresentação, assume sua dificuldade em se apresentar e opta por incluir o irmão e a irmã. Ro é solteiro, a referencia de família, é a da família de origem, busca na sua historia familiar, as referências de papéis, para se apresentar.

Ri - Tenho uma irmã mais velha, somos de uma família pobre, com muita dificuldade financeira, nascemos no ano da Revolução, em 1964, um problema de desabastecimento muito grande, e naquela época não havia ultrassom nem nada, então meus pais souberam que éramos gêmeos quando nós nascemos (...). É, não sei se foi agradável ou não, mas foi uma surpresa e havia uma dificuldade natural, assim, o que hoje muita gente talvez não imagine isso; para comprar uma lata de leite tinham que acordar as três e meia, quatro da manhã, pegar uma fila imensa e tal, era muito difícil. Tampouco havia fralda descartável, isso mais a pobreza fez que fosse muito sofrido, doído para os meus pais.

Ri, traz um relato detalhado, das dificuldades materiais à época do nascimento deles (gêmeos), fato que na memória dele está presente. Os relatos ouvidos dos pais e parentes, deixaram marcas na sua trajetória. Haveria já o desejo de incorporar papéis de “adulto” e começar a trabalhar muito cedo, “antes dos 13 anos”, como relata.

Ro - Na família sempre fui a “ovelha negra”, sou até hoje. Mas já me acostumei com isso e isso não me afeta, tenho meus longos anos de terapia, achei que seria o melhor lugar para essas descobertas. Não que se tenha uma resposta efetiva, mas uma coisa que ajude, auxilie, permita quebrar os paradigmas, entre esses dogmas e paradigmas eu assim, desmistifiquei pai e mãe.

Discurso de quem, havendo recebido o “rótulo”, precisou olhar dentro de si, entender e “acostumar” com este adjetivo. Ro não acata o “papel” que os pais esperam que ele desempenhe. Como ocupar seu espaço na família? Sendo “o outro” que não aceita e não se submete às regras de um “bom menino”.

Ro - Nasci depois do meu irmão, então sempre teve aquela brincadeira “ah a raspa do tacho” e não sei o que, até aí eu sempre levei isso na boa, mas já me disseram que devia ter nascido morto. Essa foi a frase que mais me marcou, sempre houve aquela brincadeira por ser gêmeo e por ter sido o caçula.

Papel de “raspa de tacho”, não havia expectativa de que viesse ao mundo? Não havendo, sua chegada aconteceu num mundo onde não tinha espaço; não foi acolhido?

Ri - Vi por parte dos meus pais uma submissão ou uma subvalorização própria muito grande, uma questão de autoestima baixa; tal vez algo como felicidade é uma coisa que não é possível, ou permitida, ou algo que não seja legal, do qual você talvez não seja merecedor. A quase impossibilidade de ser feliz, de deixar de ser vítima para ser protagonista. Mais da minha mãe, o meu pai talvez um pouco mais de conformismo.

Meu pai se aposentou com quarenta e poucos anos, e para ele do jeito que estava, estava bom, ele não tinha um ânimo próprio, não tinha um desejo próprio, não tinha um objetivo próprio.

A minha mãe sempre se mostrou uma pessoa muito sofrida e sempre ressaltou demais o lado ruim da vida, como se não houvesse o lado positivo, ou de novo, como se não fosse isso possível ou permitido.

O relato sobre a forma como Ri percebe os pais nos mostra quanto foram marcantes as experiências de infância, e aí ele mesmo traz a resposta,

Ri - Então talvez o antagonismo dessas sensações todas foi o que me impulsionou, ou seja, captei exatamente no sentido inverso a isso tudo, por qualquer razão que eu não saberia dizer, eu resolvi não acreditar nisso, em algum momento eu falei “não, não é possível que a vida só possa ser escrita de uma única forma”.

Desejo de um outro protagonismo, necessidade de ir atrás de espaços que lhe permitam ser o sujeito da sua história?. Ri vai buscar nas suas lembranças, outros papéis, outros personagens que o distanciem da “história” que os pais estavam tecendo para ele, Ri acrescenta,

Ri - O maior legado dos meus pais para mim, talvez isso tenha sido isso, a força motriz para que me impulsionasse a ir atrás dos estudos, a querer me destacar, não perante aos demais, mas perante a mim mesmo, então de todos os irmãos eu sou o único que se formou. Enfim, eu fui protagonista numa série de ações, de movimentos, se comparado com os meus irmãos que viveram o mesmo ambiente do que eu. Porque não eu? Porque não há pecado nisso, é possível ser feliz, é possível conquistar, é possível viajar, fazer uma série de coisas sem ter culpa, sem ser, sem ter um peso no ombro por conta disso. Então eu acreditei e fui atrás disso.

Momento de reflexões profundas que marcaram a formação da identidade. A socialização primária foi fortemente marcada por estas experiências. A criança sensível, sofrida, sem espaço, “sonha” que a felicidade é possível. Vemos aqui Ri no papel de “menino sonhador”.

Ro - Os meus avós por parte da minha mãe eu conheci os dois, meu avô materno morreu quando eu tinha oito anos de idade, então tive um pequeno, pouco contato. Minha avó era severa, dava castigo, eu era o mais castigado,

eu lembro, essa é uma estória engraçada, toda vez vem à tona, todo mundo fala e ficou engraçada, ela estava doente e pediu um copo de água, aí eu peguei um copo, fiz xixi no copo, dei para ela e saí correndo... (risos), e deve ter percebido na hora que era xixi, mas eu não fiquei para ver, entendeu? Meu irmão tem um ódio mortal dela, teve os motivos dela, a criação, a estória dela e tal, Ela judiava tanto de mim, dava castigo porque ela era muito rígida.

Os meus avós por parte do meu pai eu só conheci a minha avó, onde a gente morava tinham duas casas, então uma ficava a minha avó e a outra ficava a minha família, minha avó era distante, mesmo estando ali do lado, mas acho que com o tempo e eu a conquistei, então eu passei a ter um contato um pouco maior assim com ela, de conversar, de ter mais carinho, afeto dela, ela não era tanto de passar a mão na cabeça.

Ro, ao falar da sua família de origem, relata com maior detalhe a história dos seus pais e avós. O olhar atento sobre eles merece destaque. Será que sua irreverência e indisciplina são formas que encontra de marcar espaço, chamar atenção para si? O papel de “criança rebelde” parece ser uma constante na sua trajetória. O menino “raspa de tacho” precisava marcar presença para não ser “o outro que não deveria ter nascido”.

Agora retomando a fala de Ri quando se refere aos pais e avós,

Ri - Meu pai sempre trabalhando, minha mãe também foi trabalhar, e a gente foi educado - educado não sei se foi a palavra - a gente foi acompanhado pela minha avó, o que trouxe muito conflito, especialmente para mim. A gente era criança de rua não no sentido de hoje, no sentido que a gente brincava muito na rua, tinha os amigos da rua, a gente jogava futebol na rua, empinava pipa, jogava queimada, vôlei, futebol, eu jogava descalço na rua, era de verdade um moleque de rua, tinha um córrego perto de casa e a gente ia caçar rato com espingardinha de chumbo. Os melhores momentos que eu vivi na minha infância não foi por causa de dinheiro, foram as recordações dessa fase de menino, juntava tudo na rua, era tudo moleque só de shorts, mais nada, sem camiseta, sem chinelo, sem nada e estava tudo junto e a gente se divertia do mesmo tanto, aquela época a gente corria atrás de balão e tal, enfim, era um bando de moleque.

O espaço da rua, as brincadeiras com amigos, a “criança livre” que se permite ser criança, é marcante neste relato. Também o fato de que, no convívio com outras crianças, vai ampliando seu mundo e seus aprendizados sobre socialização, além do lar.

Ri - E a gente aprendeu, isso me ensinou muito a convivência, em todos os aspectos, seja na disputa, na colaboração, seja na amizade, na briga, enfim, era tudo, mas era tudo de um para um, então o grande aprendizado foi esse. Depois você via que um cara era rico, morava numa casa muito melhor do que a tua, você morava numa casa melhor do que o outro, mas isso era extremamente secundário porque a gente se encontrava do mesmo jeito, se dava bem do mesmo jeito, enfim havia algumas coisas que eram emblemáticas, e que hoje não fazem o menor sentido. Por exemplo, o cara que tinha telefone em casa, telefone custava uma pequena fortuna na época. Então o telefone era seu e também de todos os vizinhos, televisão em cores também. Coisas que faziam umas diferenciações, mas que a gente não ligava de verdade. Eu aprendi muito, tanto é que assim, em São Paulo eu vou em qualquer lugar, qualquer bairro, eu me sinto tranquilo, me sinto muito bem, por exemplo, se tiver que ir a uma favela, dificilmente eu vou ver alguma coisa que eu ainda não tenha visto, dificilmente eu não vou entender aquele linguajar, acho que a compreensão que eu tenho daquele ambiente, daquele cenário, para mim é muito mais digerível do que talvez seja para alguma outra pessoa que nunca viveu isso.

Do ponto de vista da socialização primária, a oportunidade de conviver com os amigos de rua, lhe permitiu - a partir dos jogos e brincadeiras – incorporar o sentido de coletividade (“ era tudo de um para um”); assim como o convívio com a diversidade que foi subjetivamente apropriado por Ri, junto com esse novo mundo dos amigos de rua.

Ri, falando novamente dos pais,

O convívio com os pais era muito tenso, não era de uma relação aberta, ela era sempre uma coisa muito autocrática. Eu falo, você obedece e pronto. Ele pode ser confortável para quem está mandando, mas é muito desconfortável para quem está sendo mandado, a equação não fecha. Claro que tem amor, afeto e tal, mas não tem intimidade e em alguns momentos mais difíceis se

perde a confiança, a fraqueza. Então essa desconfiança ela se manteve, não havia interlocução, diálogo sob qualquer circunstancia, então aquela coisa de você “engole o seu choro” é uma coisa que eu ouvi bastante, e até que você ter que engolir o choro, você quer chorar, é muito terrível.

Vemos neste relato, emoções contidas que provocaram sofrimento, numa criança sensível, sem espaço para o acolhimento e a expressão de afeto.

Ro, relata aqui, suas lembranças de infância,

Eu sempre fui uma criança muito ativa, muito envolvida com esportes, sempre joguei futebol, jogava tudo o que você pode imaginar, meu irmão sempre foi mais comportado, então quem jogava futebol era eu, quem corria atrás de balão e estava em cima de telhado era eu, quem quebrava o vidro da vizinha era eu, quem atirava com espingardinha de chumbo na vizinha, no gato da vizinha era eu, quem amarrava bombinha no rabo do gato era eu. Eu confesso que não fui uma criança fácil de se lidar. Eu era muito ativo, então sempre dei um pouco de trabalho, por outro lado eu defendia meu irmão. Sempre envolvido com os amigos, soltava balão na rua, corria atrás de balão, andava de bicicleta, sempre andei de bicicleta, o futebol foi uma coisa que sempre estive na minha vida, jogar futebol, na escola que tinha aqueles campeonatos na escola, eu participava de todos, jogava, adorava aula de educação física e tal, arrumava briga, joguei muito futebol de várzea, então aqui onde é o Parque XXX tinha vários campinhos de futebol ali e eu joguei em todos. Era inevitável assim, a cada duas semanas ter uma briga, e eram brigas homéricas, coisas de favela mesmo, e eu estava sempre no meio, sempre estourado, ralado aqui, rasgado ali, estourado aqui e estourado ali, sempre estive assim.

Ro, o menino corajoso que cuidava do irmão, o “líder “ da rua. Na rua tinha espaço para liderar seguir regras e contestar regras e as suas consequências.

Outras lembranças de Ro,

A lembrança que eu tenho da minha infância é muito boa porque também era época que você podia brincar na rua, tinha um pouco mais de segurança

naquela época, não era como hoje, então era época de brincar na rua, de ficar até tarde na rua, de juntar os amigos, a gente brincava, juntava os amigos na rua, então era bem mais saudável do que, hoje Então assim, de empinar pipa, essas coisas, então, e as coisas proibidas né, proibidas. A vizinha não gostava da gente, então eu ficava do outro lado da rua com a espingardinha de chumbo, na hora que ela saía, eu atirava mesmo, então não era difícil aparecer vizinha em casa chorando, o braço todo marcado de tiro. Enfim, então era sempre assim. Foi uma infância boa, acho que de muitas pessoas que estiveram naquela época, de brincar na rua, ter essa liberdade, bons e maus amigos, já tive até polícia em casa, eu dei trabalho. Reconheço que eu dei trabalho.

Ro, o menino corajoso, provocador e aventureiro.

O “espaço da rua” foi o mesmo para ambos os irmãos, mas cada um deles interagiu de maneira diferente. Para Ri marca a alegria e satisfação de “fazer parte da turma”; para Ro o espaço para liderar, confrontar e transgredir regras.

Aqui Ro falando do irmão, na infância,

Na nossa infância meu irmão era a pessoa que tínhamos que tomar um pouco mais de cuidado, por conta do “nistagmo” (oscilação rítmica e involuntária do olho esquerdo), assim meus pais e eu tínhamos um pouco mais de cuidado. Então eu acabava me preocupando, algum tipo de esporte que exigisse reflexo, tinha de se tomar cuidado.

Ro no papel de irmão - cuidador , não reconhecido? Ri, na sua narrativa, não fez nenhuma referência a esta dificuldade visual.

4.2. Relatos da vida escolar

Ri - No decorrer da vida escolar, meu irmão repetiu de ano, a gente estudava junto, meu irmão repetiu de ano e eu não repeti, então ali houve uma bifurcação na vida escolar, eu segui, então acabei ganhando um ano, para se dizer, ou dois. Eu acabei indo mais rápido na escola do que meu irmão. Na minha perspectiva ele sempre foi um cara muito parecido comigo fisicamente, mas para mim sempre foi outra pessoa.

O meu irmão, eu sempre digo, acho ele sinceramente sem modéstia, muito mais inteligente do que eu. Ele sempre teve muito mais habilidade nos esportes do que eu, eu desde criança ia dormir sempre com um livro para ler, meu irmão nunca foi muito apegado nisso; em contrapartida ele ia jogar bola, ele sempre teve muito mais habilidade do que eu. Então, sabe, é igual, mas é diferente. É, cada um no seu quadrado.

Ser igual fisicamente, mas ser “outra pessoa” é uma fala frequente em Ri e em Ro. A expressão “cada um no seu quadrado”, Isto é como cada um no seu espaço descreve bem “como” cada um percebe sua subjetividade.

Ro - Sobre minha irmã, uma mulher, posso dizer, era um capítulo à parte, era redoma separada, irmã mais velha, e era sempre assim “olha a sua irmã”, mas eu não olhava, na verdade a minha irmã foi quem eu menos olhei. Eu até a incentivava a fazer as coisas erradas, ela que sempre foi ajuizada até demais. Então eu sempre tive um espírito assim. As coisas erradas que eu fazia, eu escondia dela.

Nas lembranças de Ro , a irmã aparece como uma figura distante.

Eu sempre fui muito moleque e o meu irmão mais responsável, eu era aquele, que cabulava aula, jogava futebol, o meu irmão nunca jogou futebol, não sabe jogar futebol; eu brigava, se alguém brigasse com meu irmão assim eu ia lá e batia literalmente nas pessoas, então eu sempre defendi o meu irmão, e foi uma coisa que foi assim meio que imposta para mim e eu aceito. Meu irmão sempre foi, acabou sendo uma referência minha, e acho que eu dele também porque cresceu junto, mesma idade, brincava junto, era o meu companheiro. Eu era aquele garoto que estava jogando futebol, matando a aula, mas eu estava dentro da escola, mas jogando futebol; minha mãe me seguia, ela me pegava na quadra jogando futebol, eu não estava na aula, estava jogando futebol.

A referência ao vínculo com o irmão Ri é uma constante. A comparação que um faz do outro, o elogio de um ao outro, as qualidades que o irmão tem, são uma fala frequente nos relatos de Ri e Ro.

E o meu irmão sempre foi estudioso e tudo, tal, eu nunca dei muita bola para a escola realmente. Meu irmão não soltava pipa, meu irmão não jogava futebol, meu irmão não corria atrás de balão, não fazia balão, eu fazia balão com os amigos, fazia, soltava e tal, aqueles bailinhos, então eu sempre gostava de ir e tal, meu irmão dificilmente ia, eu lembro uma vez que meu pai não podia deixar eu sair, ele bateu o pé e disse “você não vai sair”, tudo bem, fui para o meu quarto que era separado, meu e do meu irmão, e aí esperei eles dormirem e falou “vamos sair?”, meu irmão todo se borrando, tá bom, pulei o muro, saí, voltei cinco e pouco da manhã, sei lá que horas, aí encontrei meu pai e quando olhei falei “acordei cedo hoje pai”, ele nem soube que eu saí e que eu voltei, mas saí, fui para a rua e eles nem ficaram sabendo, e esse atrevimento meu irmão nunca teve.

Ro, o menino irreverente, que não acata regras, que confronta padrões, autoridade.

Sempre uma coisa presente na minha vida a atividade esportiva, desde criança, de quase todos os esportes que eu fiz, que eu pratiquei e foram vários, quase em todos foram por competição, praticar uma competição para mim é fantástico, quase todos os esportes que eu fiz, eu fiz com perfeição; eu joguei futebol fiz competição, joguei basquete fiz competição, eu lutei judô e fiz competição; não me incomodo de ter alguém melhor do que eu em alguma coisa, porque é igual a cenoura na frente ali. Então eu sempre tive isso muito claro para mim, quando que eu tenho uma referência e quando eu passo a ser uma referência. Automobilismo é uma coisa muito assim também. Cada vez que eu perdi faço uma reflexão “onde foi que eu errei, onde foi que eu perdi o foco?” e reconhecer às vezes a superioridade do outro, então sempre acaba sendo uma lição.

Ro, menino ativo, competitivo no esporte; com desejo de explorar espaços onde consegue destaque.

Agora o irmão Ri comenta,

Minha relação com o meu irmão sempre foi e ainda é uma coisa muito próxima, muito, por mais desavença que a gente tivesse ou de criança, ou também de adulto, nunca nada foi forte para que nos separasse, sempre houve

uma cumplicidade muito forte, muito grande, e mesmo durante essa jornada de dificuldade acho que sempre, houve uma compensação muito grande. As nossas decisões eram coisa de coisa que o instinto, não eram muito elaboradas, não havia assim um processo de discussão talvez mais estruturado assim, a coisa acontecia. E por isso que eu digo que em muitos momentos havia uma contraposição e um balanço, ou um suporte mútuo, acho que um segurava a barra do outro, porque essas coisas aconteciam assim dentro de um processo de simbiose muito grande.

Ri, continua seu relato,

Eu e meu irmão, fomos muito incentivados à competição ou a comparação pelo fato de ser gêmeos, “o seu irmão isso, você isso e o seu irmão aquilo, seu irmão aquilo e você isso”, então sempre houve muita comparação, o que acabou de certa forma criando um ambiente de competição também muito grande. Quando você é gêmeo acho que isso se potencializa um pouco mais a competição entre os meninos, e isso foi muito reforçado pela educação que nós recebemos dos meus pais quando eles falavam assim “puxa, seu irmão fez isso e você não”.

A comparação, ela só, sempre existiu, e tinha aquela coisa de cortar cabelo igual no mesmo dia, vestir a roupa igual, tudo igual, então você era tratado, era visto, considerado como um só. Mas nunca me senti assim, como sendo um só, eu sempre entendi e que bom, porque eu sempre vi no meu irmão muitos aspectos positivos que me complementavam. Quando você é criança você não elabora isso tão bem assim. Não que eu esteja elaborando tão bem agora, mas é o que eu acho... Então eu via e percebia no meu irmão muitas coisas que me complementavam, muito mais do que uma coisa única.

Sempre que eu encontro com pais de gêmeos, e quando eu tenho oportunidade, eu sempre falo o seguinte “olha, eles parecem iguais, mas eles não são iguais, atente-se a isso”. Eu acho que por um lado de uma maneira intuitiva, eu fui entendendo que a gente era diferente, e que isso não era ruim, pelo contrário, que bom que a gente é diferente, mas eu sempre me senti muito apoiado e muito complementado pelo meu irmão em muitas ocasiões, como em muitas

ocasiões me senti muito desafiado também. Porque na relação de gêmeos a intensidade dos sentimentos ela me parece ser mais acentuada, então não queira ver uma briga de gêmeos (risos) a briga é de verdade,

Tínhamos umas coisas que nos aproximava mais, mesma idade, meninos, tudo; então você cria uma cumplicidade muito grande, e a competição ela acaba aparecendo . Imagina a convivência 24 horas por dia, vivendo a mesma coisa o tempo inteiro, tem uma hora que você quer um pedaço inteiro do bolo, não tem jeito, e é isso aí. Então nesse processo algumas competências vão se sobressaindo, então, por exemplo, meu irmão sempre jogou bola melhor do que eu, sempre, e eu fui tentando jogar, ser um jogador de bola tão bom quanto ele, tentei, juro que eu tentei, até que chegou um dia que eu falei “quer saber, não quero mais” e desisti, não adianta, não vou conseguir jogar bola tão bem quanto o meu irmão, e admiti essa minha limitação, na época era uma frustração e admiti isso. Interessante foi que eu admitir isso, tirou um peso do meu ombro e eu passei a admirar meu irmão neste aspecto assim, especificamente, mas aprendi a admirá-lo ainda mais, mais do que inveja-lo. Passei a admirar aquela habilidade que ele tinha e eu não tinha, possivelmente alguma coisa no sentido inverso tenha ocorrido com ele também, não sei, mas na minha perspectiva esse olhar assim para alguém que é tão próximo era isso. Ser gêmeo, eu acho que é um grande privilégio. É uma oportunidade única de travar um relacionamento duradouro, intenso, e que ele te cobra, ele te cobra, não é de graça. Então, e claro, isso é uma via de duas mãos, ele sabe como me magoar direitinho como eu também tenho essa facilidade, para se dizer, e a medida que a gente vai ficando mais velho, vai ficando adulto, parece que a gente vai emburrecendo (risos) porque, é lógico, a vida da criança é muito mais simples, você esquece as coisas muito fácil, que bom.

Irmãos sendo estimulados – pela intensa relação entre eles – a buscar papéis diferentes que os identifiquem, mas que – ao mesmo tempo – lhes proporcione valorização pelos seus atributos. As identidades são tecidas neste espaço de intenso convívio, onde cada um precisa encontrar seus espaços próprios.

Agora Ri faz um relato-desabafo com forte carga emocional, se emociona ao falar,

Quando criança é assim “vou perdoar todos”, sintam-se perdoados, porque é bonitinho você vê tudo vestido igualzinho, você se sente um gnomo, se sente um ser alienígena, porque sabe, a pessoa quer tirar foto, aí vem aquela pergunta que é a mais escrota do mundo que te falam assim “ah eles são gêmeos?”, uma vez tudo bem, né, agora depois de alguns anos ouvindo isso você fala assim “não, é você que bebeu muito”, aí tem aquelas piadinhas e tal,. Poxa, seja um pouco criativo vai gente, porque para você vai ser a primeira vez que você está perguntando, mas para o cara lá é a milésima vez que ele está ouvindo aquela mesma piadinha, aquela mesma pergunta né. Ah ai cada um de nós (gêmeos) fica um de costas para o outro, cansa, é horrível.

Na adolescência, como essa comparação é muito forte, você está ressaltando a sua incompetência de análise e de observação de qualquer indivíduo, é isso que você está me dando, sorry, porque não é possível nessa altura do campeonato você ainda fazendo comparação, se você não consegue dissociar uma coisa da outra, porque, de fato sim, nós somos parecidos, está bom, qualquer um percebe isso, está certo, agora você achar que por ser parecido fisicamente é a mesma pessoa, aí você me desculpa, não dá, vamos conversar de outra coisa.

Há aqui um pedido de que seja respeitada sua individualidade, a sua identidade. Ser “igual na aparência” não significa ser “igual na essência”. Como diria Goffman, cada um vive uma realidade subjetivamente dotada de sentido que não é percebida pelos que estão de fora da cena” (1975/1985).

4.3. Considerações Finais – Socialização Primária

Os dois “sujeitos da história”, embora nascidos gêmeos e fisicamente iguais, tornaram-se indivíduos em função da maneira como cada um deles desenvolveu interações ao longo da sua trajetória e como eles incorporaram subjetivamente essas trajetórias.

Ambos os irmãos, tendo vivido experiências semelhantes na maior parte do seu processo de socialização primária (nos primeiros anos da sua infância e início da vida escolar), incorporaram as experiências vividas, significando processos subjetivos de maneira muito pessoal.

Os gêmeos nos seus primeiros anos de vida, passaram por processos de *interiorização* das experiências, com conotações e colorações peculiares. Diante das regras, normas, padrões de comportamento esperados pela família, cada um deles incorporou “os outros significativos” de forma muito particular.

A cumplicidade e a competição entre eles – conforme seus relatos – parecem ter sido elementos importantes na construção das suas identidades. Cada um trilhou um caminho próprio, muito influenciado pela forma como eram percebidos e tratados pelos familiares e pela a forma como cada um foi construindo sua subjetividade.

Ser visto e tratado “como igual”, mas se reconhecer como “diferente” do outro (do irmão), parece ter sido de significativa importância na trajetória de ambos. O “self” como os relatos mostram, foi construído dentro do mesmo espaço social, mas cada um deles “sentiu” este espaço de forma muito diferente.

A dificuldade visual de Ri, relatada por Ro, (nistagmo), pode sugerir que “os outros” (irmãos, pais) ficavam mais atentos a este fato, do que o próprio Ri. Por outro lado, essa disfunção visual pode ter exercido influencia na forma como Ri se relacionou no ambiente à sua volta e nas escolhas dos tipos de jogos e brincadeiras que optou por praticar.

O gosto pela leitura, “deitar com um livro na mão”, podem ter sido comportamentos de Ri, na busca de reconhecimento e valorização de atributos que o diferenciavam do irmão; a “ resposta social” (aprovação) aos papéis escolhidos, contribuiu para desenvolver-se na direção de atividades reflexivas e intelectuais.

No caso de Ro, ao ser atribuído a ele o papel de “ cuidador” do irmão, tomou para si esta responsabilidade, um novo papel a desempenhar. Competir com quem tem de cuidar era um duplo papel presente na sua trajetória. O relato de Ro, deixa claro este cuidado; Ri, não trouxe relatos de ter se sentido cuidado pelo irmão.

Já o gosto pela prática de esportes, aliado ao rotulo de “ovelha negra”, no caso de Ro, podem ter sido respostas à busca por valorização, reconhecimento em outros espaços, diferentes dos espaço de Ri. As atividades físicas, o gosto pelo esporte, aliado a um comportamento de liderança e contestação, levaram-no a buscar outros espaços de realização: campo de futebol, ginásio da escola, a rua.

Este processo de socialização, que implica num aprendizado cognocitivo- emocional, fez com que cada um deles atribuísse um sentido particular ao estudo (no caso de Ri) e ao

esporte (no caso de Ro). Não “ser bom” no estudo, ou “não ser bom no esporte” tinha uma conotação altamente emocional.

Berger e Luckmann (1977) argumentam que na socialização primária não há problema “de identificação”, somos da opinião de que o processo de socialização primária em gêmeos – univitelinos é um processo mais complexo, porque estes irmãos precisam lidar com as próprias expectativas e as expectativas que os outros colocam neles. Cada um dos gêmeos, pelo que percebemos nos relatos, sentem a necessidade de serem tratados como “diferentes”, apesar da semelhança física.

Entendemos que este processo de socialização primária terminou quando se instalou na sua consciência, os conteúdos e conceitos da sociedade em que nasceram e cresceram, (o “outro generalizado”). Havendo ainda um outro “do outro” (o irmão gêmeo) que, em sendo igual fisicamente, consegue se diferenciar e ser “ele mesmo”; por exemplo o “estudioso”, a “ovelha negra”. Vale, entretanto destacar que o processo de socialização nunca está totalmente acabado.

A família “cobra” a cada um deles um “comportamento igual” parecendo ser esta a condição para a aceitação dentro da família. Diante deste padrão, cada um busca um caminho próprio (um no estudo e trabalho precoce, o outro no esporte e na competição).

O papel da família é fundamental neste processo, por propiciar espaço de convivência, ao mesmo tempo em que, espaços próprios para o desenvolvimento das suas identidades

Os gêmeos (Ri e Ro) constroem sua identidade não somente no convívio com os pais, senão também na interação com outros irmãos, parentes e avós. Este tecido intergeracional ajuda também a construir a identidade; fazemos parte de uma sociedade que está inserida numa determinada cultura.

Como diriam Berger e Luckmann (1977), a identidade que cada um vai desenvolvendo, deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade. Assim vemos que um dos gêmeos incorporou papéis “irreverentes”, de contestação (confrontador, aventureiro, rebelde, ovelha negra, etc). É o caso de Ro. No caso de Ri, o caminho foi desempenhar papéis de “não –confronto” da autoridade – representada pelos pais e avós – mas, buscar a “saída” no trabalho precoce, no mundo organizacional.

Para Mead (citado em Habermas, 2012), a relação entre o mundo social e o mundo subjetivo se forma no intercâmbio destes dois componentes: o “I” (eu) e o “Me” (mim). No

caso de gêmeos adultos (50 anos), a lembrança de “como” e “quando” ocorreu este processo, não foram acessíveis pela via dos relatos colhidos. Acreditamos que a percepção do “I” e do “Me” em gêmeos seria acessível – como objeto de estudo – se a pesquisa for realizada em crianças gêmeas, nos primeiros anos de vida.

Habermas (2012) considera que o conceito de formação da identidade ocorre primeiramente no seio da estrutura familiar. Na identidade do eu se expressa a relação paradoxal do eu, como pessoa que é igual aos outros, ao mesmo tempo que diferente dos demais.

No caso dos gêmeos acreditamos que há um componente adicional, que é a diferenciação com um “outro”, que é somente “igual” na aparência, mas “diferente” na sua individualidade.

Cap.5 – Análise Das Narrativas – Socialização Secundária

5.1. Estudos, Universidade, Escolhas Profissionais

Ri começa o relato,

Ri - Eu queria estudar e tal, e por qualquer motivo eu decidi fazer administração de empresas, e fiz, entrei na X sou formado pela X, que também me deu uma vivência bastante interessante, então eu acho que eu tive um processo de crescimento. Meu salário dava para bancar a universidade, dava muito apertado, mas dava, mas foi um sacrifício, eu abri mão de muita coisa, e eu trabalhava durante o dia e estudava a noite, então era bastante cansativo, mas naquela idade você leva na boa. Aos 24 anos eu fui morar sozinho, então a vida fica um pouco mais cara e ainda assim, aí eu me matriculei para fazer uma pós-graduação na Escola X, também ficou bastante difícil a logística e também por causa de grana eu também não consegui concluir.

Acho que demandou de mim determinação, um objetivo, um foco muito forte, inabalável para se dizer, porque em muitos momentos você fala “putz, não vai dar, não vou ter dinheiro, estou muito cansado, não vou conseguir”, mas felizmente isso foi, aconteceu, deu certo, em contrapartida algumas iniciativas não deram certo justamente por causa de dinheiro. Por exemplo, quando eu me formei eu comecei a fazer mestrado, acho que eu fiz seis meses e daí eu não aguentei pagar, não aguentei pagar e precisei parar, o que me deixou bastante triste, frustrado na verdade. Eu não tinha outra fonte de renda, de receita, de nada, não tinha. Continuei fazendo outros cursos, sempre estudei bastante, sempre que me era possível, então eu posso dizer que pouco tempo eu fiquei sem estudar alguma coisa. Em 2002 eu fui fazer MBA na Escola X, mas eu desisti porque me decepcionei com a escola. Mas fiz outros cursos, fiz outras formações, eu sempre tive de um jeito ou de outro, de uma forma ou de outra, sempre contar com alguma coisa que alimentasse meu espírito.

Os assuntos focados no estudo e qualificação profissional, são os temas recorrentes nas narrativas de Ri. O menino que “gostava de ler antes de deitar” continua sendo o jovem que gosta de estudar, de aprender.

Ri continua relatando,

Ri - Passei um bocado apertado, mas ok, fiz, não devo nada para ninguém, está tudo certo. Então acho que tudo isso foi um aprendizado muito grande. Fui mudando de apartamentos varias vezes, aluguei apartamentos melhores, casas mais bacanas, de certa forma eu fui buscando minha alegria, minha felicidade, então, o ultimo apartamento que eu morei sozinho era um apartamento de três dormitórios, cem metros quadrados em xx. Depois casei, com 32 anos.

O “lar” de Ri, os apartamentos pelos quais passou representaram a manifestação concreta das suas conquistas, dos seus anseios de liberdade e busca de reconhecimento.

Ro começa seu relato desta fase,

Quando eu entrei na faculdade eu falei “agora eu vou levar à sério” e o meu irmão entrou antes do que eu, obviamente porque eu repeti de ano, ele entrou primeiro e fez administração, a gente escolhe muito cedo. Você vai ou pela cabeça dos amigos ou você escolhe aquilo que você consegue fazer, consegue pagar, é uma escolha ingrata, e eu acabei escolhendo economia, porque o meu irmão fazia administração na xx e eu para não fazer administração fui fazer economia na YY. Se eu voltasse no tempo estudaria economia? Acho que não (...).

A escolha de uma profissão “diferente” à do irmão, seria uma forma de “firmar” sua individualidade, sua identidade e evitar “comparações” tem de ser diferente para firmar sua própria identidade.

Ro - Fiz a faculdade, e no ultimo ano eu não entreguei nem minha monografia e não peguei meu diploma. Briguei com a professora e eu tinha razão, era um quesito lá de marketing, na prova (...) eu discuti e aí ela ficou ofendida com isso, então eu falei “quer saber, não estou aprendendo nada, peguei minha mala e fui para a Inglaterra, e foi muito mais útil para mim do que se eu tivesse pego esse papel que nunca ninguém me pediu. Só faltou entregar um trabalho, para mim, assim não mudou a minha vida.

O jovem rebelde, temperamental, diante de regras, compromissos, rituais, autoridade. Usando uma metáfora (de um relato dele da infância) continua “jogando pedras na vidraça da vizinha”. Precisa se firmar pelo confronto? A criança- adulto precisa firmar sua identidade.

5.2. Experiência Profissional

Ri começa seu relato desta fase falando das suas primeiras experiências de trabalho:

Eu comecei a trabalhar muito cedo numa condição e dentro de um ambiente onde eu tinha pouca possibilidade de escolha, e na verdade, eu não aprendi a escolher, ao longo do tempo eu entendi como sendo algo natural e normal que as coisas fossem acontecendo e você fosse reagindo às coisas como elas aconteceriam. Eu vou contar a partir dos 13 anos, mas na verdade é que antes disso eu já trabalhava. Eu tive muita atividade quando criança, que era bastante braçal, manual. Eu diria, que talvez comecei a trabalhar ao redor dos 10 anos, com alguma margem de erro aí, ao redor dos 10 anos. Eu trabalhei em banca de jornal. Vendendo revista, vendendo jornal e tudo. Também trabalhei com meu irmão, numa pequena indústria fazendo um trabalho de cortar, de polir peças também a gente foi trabalhar em feira, carregando sacolas dos outros. Também fazia entrega de pipoca em supermercados com um amigo nosso que tinha uma Kombi. O meu pai fazia carreto e a gente, aí já não diria que era bem um trabalho, mas era mais uma companhia para o meu pai, e a gente sempre ganhava um “troquinho”, não sei se era porque a pessoa tinha dó da gente, a gente no final do trabalho sempre ganhava alguma coisinha assim. Então, a questão do trabalho ela sempre esteve muito presente na minha vida. Em torno dos 10 anos já tinha essa coisa da responsabilização em cima disso, o lado positivo é que eu paguei todos os meus estudos. Aos 13 anos, oficializando, foi o início da minha vida profissional. Não havia para mim outra alternativa a não ser considerar o trabalho, não havia outra perspectiva. Eu era o e-mail de antigamente, uma coisa chamada “office-boy interno”. Trabalhava numa empresa que ocupava um prédio, eram três andares, então as pessoas faziam um memorando, umas as outras, enfim, trocavam informação internamente, e aquilo tinha protocolo, e tinha que levar o papel para a pessoa. Fosse o que fosse você tinha que levar o papel, algo físico que você tinha que levar, e a minha função era essa de levar uma coisa

para cima e para baixo, então eu ficava o dia inteiro levando, levando e trazendo.

Criança no papel de adulto, atuando em cenário de adultos, no “mundo” dos adultos. Primeiro contato com o mundo do trabalho, oportunidade de aprender responsabilidades de adulto.

Ri continua,

O trabalho me abriu outras perspectivas, experimentar coisas novas e de aprender coisas novas assim, então esse lado que era legal, por outro – não era legal – porque não brincava, eu estava trabalhando, não estava brincando. Eu tinha muita vontade de dar certo; gana assim, muita vontade de fazer bem feito, talvez o meu nível de exigência fosse além do devido, muito alto e isso se somava também com a questão da escola, também precisava dar muito certo, por alguma razão eu achava que eu tinha que dar muito certo, tanto no trabalho quanto no estudo. Eu tinha que dar certo, e assim foi, no primeiro emprego fiquei oito anos, aí eu cheguei a ser chefe do departamento, então eu era muito querido, e assim, as oportunidades vieram e eu as fui buscar. E aí foi, daí nunca mais parei de trabalhar. Acho que eu queria ser adulto sim, porque a visão da minha infância ela não era das melhores, Eu não lembro de ter, em algum momento da minha infância que tenha sido coroada com alguma coisa positiva, então precisava sair logo daquilo.

Ri cresce e se torna adulto precocemente, incorporando “o outro generalizado” entendido aqui como as regras de convivência, os rituais, os processos que o tipo de trabalho assumido lhe demandavam. O “cenário” das ações (utilizando aqui a linguagem de Goffman) era o prédio de três andares no qual Ri “aprendeu” papéis de adulto trabalhador. A ação mostrava uma certa incoerência entre o cenário do adulto e o desempenho do trabalhador-mirim.

A estrutura deste encontro social criança – num cenário de atuação de adulto – parece indicar uma encenação relativamente travada. Coube a Ri, por outro lado, a interiorização de um submundo institucional e a incorporação do “outro generalizado” da instituição social chamada empresa, mundo organizacional. A distância entre seu eu seu “eu-total” – “eu parcial” parece que não é claramente definida.

Ri precisou enfrentar a complexidade da divisão do trabalho, assim como as compreensões tacitas carregadas de significado afetivo.

Ro começa a falar do início da vida profissional:

O meu primeiro emprego foi na construtora x. Eu era office-boy, e fiquei office-boy dez meses, logo fui enviado, naquela época era auxiliar de escritório, aí fui trabalhar na tesouraria. Acho que eu tinha meus 16 ou 17 anos, por aí, acho que 16 anos.

Ri começou também como *Office-boy*, aos 16 anos. Não traz nenhuma lembrança marcante dessa fase de início profissional. Traz relatos mais detalhados de uma fase posterior quando teve uma rápida ascensão profissional, como vemos aqui:

Eu comecei no banco x, nessa área de mercado financeiro que eu fiquei fascinado e aí isso durou assim numa curva de ascensão muito grande, eu fui o primeiro trader do banco, eu fazia negócio com os estrangeiros aqui no Brasil, e eu, com 27 ou 28 anos, já era responsável pelos traders do Brasil e da América Latina. É, fazia relatórios para o mundo inteiro, em inglês, minhas reuniões eram todas em inglês, eu era “o cara do banco”, era o cara que mexia com o dinheiro do banco, com os investidores, dinheiro do banco, fundo, e eu tinha muito tesão naquilo que eu fazia, então chegava sete horas da manhã e eu estava no banco, a bolsa, me lembro agora o horário exato, nove horas da manhã, eu chegava lá as sete, nove horas da manhã eu já tinha lido dois jornais, sabia de todas as notícias. Em banco, mesa de operações é diferente de agência, exige esse movimento rápido de raciocínio, existe uma certa agressividade, e tudo combinava, eu sentia até que isso combinava comigo, estou falando agressivo, mas não era mal educado, obviamente que os palavrões faziam parte do dia a dia, de energia, de não sei o que, de rapidez, raciocínio rápido e tal, então isso combinava bastante comigo, então eu e esse amigo, tanto que a gente, eles contratavam eu e ele juntos, alguns bancos nós fomos juntos trabalhar, então estávamos nós dois, alguém aqui chamava nós dois, Eu peguei gosto pelo mercado financeiro por estes motivos e porque era uma coisa realmente atraente, no sentido de você ter um campo de criação. E dava dinheiro, mas fora o dinheiro assim o que mais me atraía era o espaço

para criação, da ousadia, controle de riscos, correr riscos, assumir riscos, controla-los, Você ganha no êxito né, então assim, era uma coisa para muita gente que é cruel, porque tudo é muito lindo e maravilhoso quando você dá lucro. Sai do mercado financeiro com 29, 30 anos, acho.

Ro, logo após o relato das suas primeiras experiências, fala do seu gosto pelas atividades competitivas. Papel de jovem movido a adrenalina, que encarou “o sistema organizacional” seguindo as “regras do jogo” desse sistema. Essas regras eram aceitas enquanto atendiam suas expectativas de reconhecimento, de retorno financeiro, de status, de posição, etc.

Ro - Se eu voltasse ao mercado financeiro, hoje faria tranquilo, sem problema algum. E aí, mas eu fiquei muito chateado, eu saí porque houve uma fusão do banco com outro banco e veio um time inteiro para o que eu fazia, então não precisava de mim, e aí que eu resolvi sair então. Bom aí, depois, foi diretor de outras empresas e tal, e aí fui vendo que algumas coisas iam se repetindo, então assim, primeiro a falta de clareza e o objetivo da empresa, segundo é o ego das pessoas. Quando entram essas variáveis, isso tudo me bagunça essa minha ordem, então eu travo, eu paro de produzir por conta dessas influências externas, então é o ego, é o ciúme a briga por bobeira, por cargo. O mercado financeiro é aquilo, caiu uma pedrinha do dominó aqui, você tem que saber que ela caiu ali e que ela vai vir, e vai chegar. Eu exercito o raciocínio 24 horas sem esforço, não era uma coisa assim (...) sacrificante, eu ia para a praia, eu levava o Jornal para ler na praia (...) era o medo de ficar sem a informação, porque às vezes ela é pequenininha e aquilo faz uma diferença, mas era uma coisa que sinceramente aquilo nunca me cansou, e cansa mais hoje eu ter que lidar mais com uma coisa simples, do que aquilo ali, aquilo lá para mim era um prazer, eu ia trabalhar com prazer, hoje eu não tenho prazer no trabalho.

Ter cartão escrito lá “Presidente”, eu não quero nem cartão de visitas, isso não me enche os olhos. Você tem que ter um rótulo para poder fazer suas coisas, então assim, às vezes eu preciso do cargo para me dar suporte para fazer as coisas, mas eu não ligo para ele, eu não tenho cartão escrito “Diretor”, já tive, mas eu não tenho, não tenho nem cartão no meu nome, e

nem quero, meu cartão é em branco, não tem nem meu nome. Eu anoto a caneta se quiser e acabou. Então isso que me enche os olhos, eu lembro de uma vez no Banco X era também uma briga de ego bem grande.

Ro na infância, lembremos, escolhe e abraça padrões de atuação mais competitivos do que colaborativos (esportes competitivos na vizinhança, na escola), como também comportamentos provocativos e “de risco”. Por exemplo, com vizinhas do bairro (atirava chumbinho”, “a policia já bateu em casa”). O trabalho no mercado financeiro, mostra também componentes que incentivam sua competitividade, seu prazer pelo risco, pela provocação, pelo confronto, assim como questionamentos ao sistema capitalista de “precificação do talento”.

Ri, agora retoma a sua narrativa quando resolve sair de casa, aos 24 anos,

Aos 24 anos eu estava pronto, sair de casa, e saí, já tinha apartamento alugado, geladeira, copo, talher, essas coisas. No começo que eu fui morar sozinho eu tinha momentos de alegria intensa, muitas pessoas falavam “mas morar sozinho é horrível”, nossa, como eu amava, porque era finalmente eu tinha o meu espaço, de eu dormir pelado na cozinha, sabe? E foi isso que também me ajudou a desconstruir para construir minha relação com toda a família, fiz terapia também que me ajudou nesse período, a questão dos estudos eu sempre gostei de estudar naturalmente, mas, além disso, tinha essa coisa de querer me formar, enfim, foi uma coisa boa, sei lá pra muita gente estudar é chato, claro que tinha uns dias que não aguentava, claro, mas para mim era legal, eu curtia, curtia a turma da faculdade, curtia tudo, sempre foi prazeroso para mim. Então eu cresci com a perspectiva de que tanto trabalho quanto educação eram necessários. O trabalho me fez projetar para um futuro ainda que fosse de curto ou de médio prazo, e me fizeram responder a pergunta “aonde eu quero chegar?”, que até então a pergunta que eu respondia era quanto que eu preciso de dinheiro para pagar aquilo, então eu saí de uma situação reativa para uma situação proativa, um posicionamento proativo.

As escolhas profissionais focadas em trabalho e educação foram as que deram significado, a busca de sentido como diria Frankl (2008), é a motivação primária da vida.

Ri falando ainda da sua trajetória profissional,

Resumindo, dos 13 aos 47 eu trabalhei na indústria de construção civil na área administrativa. Até que um belo momento me deram uma oportunidade para eu trabalhar na área de compras, e foi quando eu comecei a me aperfeiçoar, a me profissionalizar efetivamente numa carreira. Nessa primeira empresa eu trabalhei durante oito anos, depois eu resolvi sair porque eu vi que dali para frente eu não ia mais, e eu resolvi renovar, fui trabalhar em outras empresas do ramo. Tive algumas oportunidades muito boas de trabalho, eu trabalhei em multinacional que me deu muitas oportunidades, abracei todas as oportunidades que me foram dadas, quando essas oportunidades deixaram de existir ou ficaram mais escassas por qualquer razão. Foi aí foi quando eu comecei a promover algumas mudanças para mim, então eu estava numa empresa bastante boa.

A busca de oportunidades de crescimento e realização parecem orientar as suas escolhas profissionais.

5.3. Experiências Empreendedoras

Ri relata,

Eu resolvi sair da empresa multinacional porque naquela época tinha a estória da reengenharia, que se consolidava processos, estruturas, etc. e tal, e eu estava num momento da vida que eu falei “poxa, para eu ver se vai dar certo aqui eu vou levar cinco anos, não estou a fim de esperar cinco anos para ver se vai dar certo”, foi a conclusão que eu cheguei naquela época, e eles entraram com um plano de demissão voluntária, peguei uma grana bacana e foi muito bom. E aí eu montei minha própria empresa e segui carreira. A primeira coisa que me direcionava era a sobrevivência, a segunda era a possibilidade de aprendizado, a possibilidade de eu fazer, de ter alguma relevância naquilo que eu fazia, não status, mas relevância, então eu sempre tive problema com tarefas repetitivas.

Para Ri o desejo de colher resultados de curto prazo aliado à necessidade de sobrevivência e aprendizado, foram objetivos norteadores das escolhas.

Ro nos relata sua experiência como construtor, empreendedor,

Minha família tinha um imóvel e eu resolvi construir um negócio aí, então construí e aí foi uma outra fase de eu construir. Eu fiz o projeto, a decoração, a construção, a decoração, a montagem, o marketing, fiz funcionar, foram três anos. Eu tinha visão, eu tenho uma coisa de sexto sentido que é muito forte, eu tinha muita certeza que aquilo era um bom negócio.

Ro, prazer e satisfação numa realização que lhe trouxe a oportunidade de trabalhar à sua maneira, imprimir seu estilo e o seu próprio ritmo no trabalho. Ro destaca o valor da sua visão e do seu sexto sentido.

Ricardo e Rogério relatam experiências empreendedoras na sua trajetória profissional. As escolhas, entretanto tem coloração afetiva diferente. Para Ri sobrevivência e aprendizado; para Ro imprimir suas competências e habilidades.

5.4. Trabalho Terapêutico

Ro relata,

Sempre fui a ovelha negra da família, sou até hoje, mas já me acostumei com isso e isso não me afeta, tenho meus longos anos de terapia. Não que se tenha uma resposta efetiva, mas uma coisa que te ajude, te auxilie a quebrar os paradigmas; entre esses dogmas e paradigmas eu assim, desmistifiquei pai e mãe. Fiz psicanálise, eu virei para a minha mãe e falei “mãe, eu não sou o filho que você quer”, e, por favor, não alimente mais essa esperança, vamos acabar com esse seu sonho, você não está mais na idade de ter castelinho de areia. Terapia me ajudou muito a me conhecer, eu ainda tenho muito a conhecer, porque a gente é uma metamorfose ambulante, eu acredito realmente que somos; a cabeça da gente não tem fim, isso se eu quiser passar a vida fazendo terapia, talvez eu não conheça um por cento de mim, mas eu acho interessante, acho instigante, então eu gosto. O comportamento humano é uma coisa que eu presto muita atenção. Me ajuda muito a lidar com as pessoas.

Ro encarou o processo terapêutico como espaço para “desmitificar” papéis e rótulos adquiridos na infância principalmente . Busca, numa nova construção da relação com os pais, o espaço para novos papéis, personagens, “ser o que é” e não o rótulo cristalizado de “ovelha negra”. Busca sua emancipação. Seu “mergulho” no processo terapêutico foi profundo e corajoso. A metamorfose é um processo complexo.

Ri relata:

Eu contei com ajuda de profissionais que me auxiliaram num processo de resignificar uma série de valores, de crenças, inclusive, de dar espaço a possibilidade de competência própria, que eu não dava antes, em várias situações, não me achava competente. Teve gente que me ajudou bastante nisso e que a partir deste processo, mais a soma de um processo terapêutico eu consegui resignificar então todo um contexto no qual eu estava inserido. Eu aprendi que crença ela pode ser limitante ou ela pode ser desafiadora, e eu entendi que as minhas crenças estavam me limitando muito mais do que me ajudando.

Ri encarou o processo terapêutico como oportunidade de resignificar crenças e valores, para dar espaço a novos papéis e personagens e assim ampliar sua competência pessoal e profissional. Seu investimento terapêutico permite entender que buscou ajuda para fortalecer sua autoestima; dando espaço para novos personagens, papéis.

5.5. Momento Atual: Vida e Carreira

Ri - Então, eu consigo com muita facilidade navegar em todas as camadas sociais, assim, então eu tenho amigo bastante rico e tenho amigo muito pobre, e com toda a honestidade do mundo isso não me faz a menor diferença, de verdade, do ponto de vista de relação com o indivíduo não me faz a menor diferença, então acho que isso é um grande aprendizado, uma grande virtude que eu trago de lá.

Ri, atualmente atua como *coach*, ministra aulas em cursos de pós-graduação e escreveu um capítulo de um livro sobre o papel do *coach*.

Ro - *Sou um cara feliz, realizado com o que eu faço hoje? Não, não sou. Hoje trabalho numa outra empresa familiar e tenho sob na minha responsabilidade o financeiro, contabilidade, RH, TI e Jurídico. Não sei se eu vou ficar lá. Às vezes me sinto o Maquiavel, eu falo, falei para x “dê o mal de uma vez, e o bem aos poucos”, é maquiavélico, mas funciona (...). Eu gosto da estratégia das coisas, como eu sempre lidei com estratégia de negócios, então eu já penso logo, rápido. Eu sou uma pessoa de muita iniciativa. Eu gosto do trabalho se for para executar aquilo que eu planejei, se eu tiver que fazer isso para ficar “rodando dadinho” não, isso não, agora se eu tenho que fazer isso para executar aquilo que está planejado, eu não tenho menor problema que eu faço, porque aí está dentro do planejado. Eu tenho uma mente inquieta, e sempre procuro expandir a minha consciência, coisas novas, tudo me interessa, eu nunca falo “ah isso não é bom, isso na presta”, sem pelo menos procurar entender. (...) Então acho assim, e a vida vai andando desta forma e o meu futuro também vai ser assim, da mesma forma que um dia eu realizei este sonho do automobilismo, coisas vão me acontecer, isso eu tenho uma certa certeza, convicção de que coisas vão me acontecer. Na boa, tenho vestido na boa ser visto como a “ovelha negra”, a tradução disso para mim, é assim que eu sou uma pessoa que faço o que eu quero, não prejudico as pessoas, não me lembro de ter prejudicado ninguém, não faço mal a ninguém, faço o que eu gosto, e sigo o meu coração, então eu não faço, não quero fazer as coisas contra a minha vontade para agradar as outras pessoas, eu não me importa o que as outras pessoas falam de mim, não importa.*

Ro, pediu demissão da empresa familiar onde atuava como financeiro, optou por um novo caminho, a de profissional independente. Começou a buscar parceiros, entre amigos das suas relações, para estruturar “pacotes” de serviços a serem divulgados via internet.

5.6. Sonhos

Ro - *Eu queria ser piloto de fórmula 1, eu fui realizar, não cheguei a ser, obviamente, piloto de fórmula 1, mas foi quando eu fui correr de kart que eu realizei meu sonho de automobilismo, não virei piloto de fórmula 1, jamais serei, mas entrei para o automobilismo de uma forma, fui competitivo, eu*

ganhei. Esse sonho foi comigo e a primeira oportunidade que eu pude realizar eu realizei, e assumi as consequências disso, então é aquela coisa eu sempre fui a ovelha negra da família, para mim está ok (...) .Queria ser jogador de futebol, sempre gostei de futebol, achava que eu jogava razoavelmente bem, mas nada para ser um craque.

5.7. Projeto de Vida

Qual é seu projeto de vida?

Ri - Não parei para pensar ainda. O cargo eu não sei, mas eu acho que à medida que eu conseguir intensificar e por vias próprias os valores que tem relevância para mim, será bom e evidentemente que eu consiga me sustentar através deste trabalho. Mas a relevância é uma coisa muito forte, o quanto eu consigo interagir, no sentido de colaborar, de ensinar e de aprender, o exercício da inovação para mim também é uma coisa que é muito interessante, ou seja, o processo de criação, ou co-criação, da geração de valor, e aí tem a ver com relevância também, a partir do momento que eu estiver sentindo que isso está sendo exercido eu diria que eu estou bastante satisfeito. Agora, por isso que eu falo, não sei o nome, não me importa, não é a execução da atividade. Pode ser dar aula, acho que possa ser alguma coisa que me dê um pouco disso, a colaboração da criação do novo. Mas, não quero cair na repetição, na mesmice.

Seria para uma matéria prima pra a construção de algo novo, acho que o mundo precisa muito disso, não só no mundo empresarial, mas nas relações pessoais, em tudo, dá para pensar diferente, agir diferente, e acho que isso que talvez fosse uma contribuição grande, e eu faço um link um pouco da minha história, eu quebrei muitas barreiras. Acredito que quebrar barreiras, algumas crenças é muito positivo e se eu puder contribuir de alguma forma nesse contexto, nesse ambiente, eu vou me sentir bastante feliz.

Ricardo começa falando de “cargo” (que é a forma como a sociedade estratifica as pessoas) mas, ao aprofundar na sua reflexão percebe que não quer se “fixar” em algo acabado, definitivo, não quer cair “na mesmice” (palavras dele). Percebemos uma busca por novos

espaços, novos desafios, o que implica na possibilidade de dar continuidade à própria história de vida e quebrar paradigmas.

Qual é seu projeto de vida?

Ro - Meu projeto de vida é ser feliz. Ter independência para trabalho principalmente, poder fazer o que eu gosto e poder ter autonomia naquilo que eu faço, de que o que eu fizer tenha resultados mensuráveis e que eu possa dentro do trabalho, ou fora dele, mas poder ajudar as pessoas, fazer alguma coisa que de alguma forma ajude a melhorar o mundo em algum aspecto. Aí eu sou feliz. Por exemplo, ações no sentido de melhorar o mundo eu acho que assim, compartilhar aquilo que eu tenho, o que tenho e possa compartilhar, e duas coisas que a gente pode compartilhar e são difíceis de fazer, até porque é difícil de mensurar, que é você compartilhar tempo e compartilhar amor, são duas coisas difíceis de mensurar, difíceis de fazer porque é do ser humano sempre querer algo em troca, se eu faço isso para você o que é que eu ganho com isso? Fazer sem essa expectativa é o mais difícil, porém, muito mais gratificante. Acho que eu consigo ajudar muito as pessoas, eu sinto isso, posso estar errado, mas eu sinto isso e já tive vários feedbacks neste sentido, então eu acho que assim, acho que eu consigo fazer isso razoavelmente bem e eu acho que faz muito bem para as pessoas que recebem, então isso acho que ajuda a me melhorar. Aqui em São Paulo eu fui voluntário da AACD, eu posso ser voluntário em várias outras instituições que existem aí pelo mundo e que precisam desse tipo de ajuda. Mas tenho alguns medos sim, tem umas coisas que eu não queria, gostaria, não quero ficar um velho gaga cheio, doente, essas coisas, gostaria que não fosse isso, e para isso eu já me cuido hoje, não bebo, não fumo, pratico esportes, etc. e etc., então espero não ter uma doença grave, espero. O resto eu consigo, e assim, eu acho muito legal de ter todas as dificuldades que eu tenho. Se for para ter alguém junto, teria de ser uma pessoa inteligente, gosto de gente inteligente, não precisa ser letrada, doutorada, não é isso o que eu estou dizendo, que seja inteligente, que tenha opinião, que tenha maleabilidade, personalidade e caráter. E meu fraco é mulher bonita. Eu quero ter, desenvolver uma atividade que faça sentido para mim e para as pessoas com as quais eu venha trabalhar; tem que fazer sentido,

fazer a diferença, causar algum impacto. Tem que ter um valor, um conteúdo relevante. (...) Acho que a gente vive um mundo de desequilíbrio muito grande, principalmente aqui nas grandes cidades, acho que a gente vive uma perda de valor presencial muito grande, as pessoas estão aí se matando por causa de nada, se matando literalmente, se suicidando.

Para Rogério a busca por autonomia pessoal, por oportunidades de contribuir com pessoas e instituições; de dar um sentido à sua vida são percebidos como fatores relevantes na sua busca pessoal. Mostra também uma grande preocupação com a sua saúde, manter-se jovem e saudável. Sua visão do mundo em que vive, é crítica, questionadora.

5.8. Considerações Finais – Socialização Secundária

A socialização secundária é entendida como qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado, em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.

Berger e Luckman (1973 pp.169/170), consideram que a aquisição de conhecimentos específicos implica em incorporar também compreensões tácitas de colorações afetivas. Nos relatos de Ricardo e Rogério, percebemos que mesmos fatos e situações vivenciadas na infância, por terem tido colorações afetivas diferentes, marcaram cada um deles de forma muito diferente.

A incorporação de novos personagens significou absorver novas formas de interação com pessoas e em novos espaços. Para Ricardo a interação com pessoas de todos os setores da empresa (Office-boy/ email de antigamente); para Rogério as primeiras interações no mundo corporativo foram com um número mais restrito de pessoas, exercendo uma atividade administrativa e burocrática.

No caso de Ricardo, a entrada no mundo corporativo (primeiro emprego formal aos 13 anos) significou “tornar-se adulto” e adquirir sua independência pessoal e financeira, ao mesmo tempo que, encontrar um espaço próprio de valorização, reconhecimento; sua individuação “como adulto”. Já para Rogério, a entrada no mundo corporativo (aos 16 anos) foi encarada como uma nova obrigação, vista como necessária para “tornar-se adulto”; para sua individuação como “adulto”. No espaço da rua e da escola desempenhava papéis de maior reconhecimento, valorização e significado.

Em relação ao conceito do “outro generalizado”, que implica por parte do indivíduo na incorporação das atitudes da comunidade a que pertence, vemos que em Ricardo – na escola – estabelece uma relação de maior aceitação às regras da instituição; já Rogério adota um papel de confronto direto com a escola e as suas regras (prefere jogar bola do que entrar na sala de aula). “Outros significativos” de conotação afetiva (gosto pela atividade física) levam-no a uma atividade de contestação ao “sistema- escola, foge da sala de aula para ir ao ginásio.

A análise da trajetória de cada um deles, traz a constatação de que “a formação e a transformação da identidade tem um caráter eminentemente social e se desenvolve a partir da linguagem significativa” (...) Esta a linguagem “ tende a despertar no indivíduo a mesma atitude que este elicia nos outros, e é esse aperfeiçoamento do *self*, pelo gesto que media as atividades sociais, que dá origem ao processo de assumir o papel do outro”. Mead (*in* Morris 2010, p.178). Assim o que torna possível uma sociedade é a resposta comum, a atitude organizada. Os relatos de Ricardo e Rogério tornam claro este processo de socialização.

Lima e Gonçalves Neto (2014) quando discutem a fundamentação linguística do conceito de identidade, argumentam que “a percepção/concepção de si (...) se configura em operações linguístico-comunicativas de autorreferenciação. Essa percepção/concepção de si (...) se configura intersubjetivamente” (p.359). Quando Rogério declara ser a “ovelha negra”, firma esta identidade no âmbito da família, da escola e leva este personagem para o mundo do trabalho e para o mundo da vida. A percepção/concepção de si se configura intersubjetivamente porque adquiriu autonomia no processo de individualização.

Os primeiros personagens vivenciados na infância, guardam uma certa coerência com os papéis desempenhados na vida adulta. Ricardo “o personagem de menino estudioso que gostava de ler”, tornou-se um profissional que cursou terceiro grau e fez outros cursos/especializações, trabalha (papel) como professor e *coach*. Rogério o menino que gostava de esportes e de atividades ao ar livre, encontrou nos *hobbies* (automobilismo, corrida) o espaço para a realização de papéis gratificantes vivenciados na infância. No mundo do trabalho encontrou gratificação quando abraçou atividades competitivas que o desafiavam (*trader*).

Os relatos dos irmãos, considerando as fases de socialização primária e secundária, levam à constatação de uma certa coerência de papéis , em função da história efetivamente vivida. Não há personagens que se desenvolvam fora de um cenário. Como argumenta Ciampa (1987), “na interação com o ambiente, a identidade surge como representação de

estar-sendo (como uma parcialidade) e que se converte num pressuposto do ser (como uma totalidade), transformando a identidade num dado sempre presente, seja como história de vida (relacionada ao passado), seja como projeto de vida (relacionado ao futuro).

Ao retomar a leitura dos projetos de vida, percebemos que para Ricardo seriam relevantes atividades futuras que lhe permitam a criação do novo, de não cair na repetição, na mesmice. Para Rogério, seria relevante executar um trabalho que goste, que lhe permita ter autonomia, “ser feliz”. Em ambos os projetos percebemos a busca de sentido, como diria Frankl (2008) a “busca pelo sentido é uma motivação primária na vida, e não uma racionalização secundária de impulsos instintivos”.

Na abordagem de Habermas (2012, vol.2, p.180), a identidade-eu do adulto se comprova na capacidade de construir novas identidades a partir de identidades rompidas ou superadas que se integram nas antigas a ponto de permitir uma nova organização da malha de interações; forma-se a partir daí, a unidade de uma história de vida imputável e, ao mesmo tempo, inconfundível (...). Somente quem assume sua história de vida tem condições de ver nela a realização de si mesmo”.

5.9.A guisa de conclusão

Os relatos de Ricardo e Rogério, constataam que, a formação da identidade se desenvolve na socialização primária, que cria as bases para toda a socialização posterior. Como afirmam Berger e Luckmann (1973/2012), “a sociedade apresenta ao candidato à socialização um conjunto antecipadamente definido de outros significativos, que ele tem de aceitar como tais, sem a possibilidade de optar por outro arranjo”.

Na socialização primária de Ricardo e Rogério, à medida que cada um deles desenvolve sua identidade, desenvolve também um processo de individualização em relação “ao outro” (o irmão gêmeo). As comparações que os pais e os amiguinhos fazem frequentemente, pela semelhança física, demandam deles não serem vistos como “igual ao outro”. Quanto mais cada um vive a individualização mais a diferença entre eles aumenta.

Vemos que os personagens e os papéis vivenciados pelos irmãos-gêmeos nos primeiros anos de vida influenciaram os hobbies e as atividades de lazer da idade adulta, assim como a escolha e a permanência num determinado tipo de atividade profissional, o que constata a influencia da socialização primaria na formação e transformação da identidade.

Já na socialização secundária, percebemos que o sentido da “individualidade” se manifesta muito mais na recusa e na realização modificada dos respectivos tipos sociais, do que no conformismo” (Habermas, 2012, p.180). Os irmãos estão em busca de novas realizações como pessoas e como indivíduos. A emancipação, no sentido que Habermas coloca, não se processou na plenitude, vai se processando em fragmentos.

Podemos perceber também que as considerações racionais de ambos os irmãos para “decidir o que pretendem ser” como diria Habermas, (2012 vol.2, p. 201) “não se orientam por critérios morais, e sim pelos critérios de felicidade e sucesso, que tomamos intuitivamente para avaliar formas de vida. Isto porque o modo de viver dos indivíduos está entrelaçado com a forma de vida das coletividades às quais pertencem”.

Ambos buscam novos desafios, novos caminhos, principalmente quando constatarem que a “novidade” se esgota, vira rotina, vira mesmice. Mas, como “o real é sempre movimento, transformação incessante, não deveria nem mesmo atrair nossa atenção uma afirmação como essa, que identidade é metamorfose; ela é óbvia” (Ciampa, 1987 p.148).]

A não metamorfose seria a paralisia, os irmãos objeto deste estudo, buscam ao longo da sua trajetória, movimentos que os levem a transformações.

O projeto de Rogério é ser feliz, também poderia ser professor, se sendo professor o faz feliz; não exclui, não restringe, pelo contrário, mobiliza. É mais coerente com a ideia de que sempre está buscando transformação. É mais coerente com o conceito de identidade, de um “vir a ser”.

No projeto de Ricardo, que começa explicando que “não quer um cargo” (que sugeriria mesmice), amplia sua reflexão ao relatar que busca uma atividade que lhe permita a criação ou co-criação de valor, algo que tenha relevância. Conclui dizendo que não quer a mesmice.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, V. (2004). *Manual de Historia Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Antunes, M.S.X. (2012). A compreensão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação por intermédio das narrativas de história de vida: uma discussão sobre o método. In: Lima, A.F. de. (Org.) *Psicologia Social Crítica: Paradoxes do contemporâneo*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Berger, P.L. & Luckmann, T. (2012). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. São Paulo: Editora Vozes. (Original publicado em 2004).
- Berger, P.L. & Luckmann, T. (2004). *A Construção Social da realidade*. São Paulo: Editora Vozes. (Original publicado em 1977).
- Cervený, C.M.O. (2012). *Família e...* São Paulo: Editora Casapsi Livraria e Editora Ltda.
- Ciampa, A.C. (1987). *A Estória do Severino e a História da Severina*. São Paulo: Brasiliense Editora.
- Frankl, E.V. (2008). *Em busca de sentido*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Goffman, E. (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Vozes. (Original publicado em 1975).
- Guzzo, S.L.R. & Lacerda, J.F. (2011, 2ª ed.). Sobre o Sentido e a Necessidade do Resgate Crítico da Obra de Martin-Baró. In: Guzzo, S.L.R. & Lacerda, J.F. (Orgs.). *Psicologia Social para América Latina. Campinas*. São Paulo: Editora Alinea.
- Habermas, J. (2002). *Pensamento pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2002). *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo. Editora brasiliense S.A., Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2012). *Teoria do Agir Comunicativo – Sobre a crítica da razão funcionalista* (vol.2). São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.
- Honneth, A. (2011). *Luta por Reconhecimento - A gramática dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34. (Original publicado em 2003).
- Lane, S.L.M. (1987). In: Ciampa, A.C. *A Estória do Severino e a História da Severina*. São Paulo: Brasiliense Editora.

- Lane, S.L.M. (1999). A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: Lane, S. L.M. & Codo, W. (Orgs.). *Psicologia Social. O homem em movimento*. São Paulo: Editora brasiliense. (Original publicado em 1984).
- Lane, S.L.M. (2000). A Psicologia Social na America Latina: por uma Ética do Conhecimento. In: Campos, R.H.F. & Guareschi, P.A. (Orgs.). *Paradigmas em Psicologia Social – A Perspectiva Latino-Americana*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Lima, A.F. de (Org.). (2012). *Psicologia Social Crítica: Paralaxes do Contemporâneo*. Porto Alegre: Ed. Sulina.
- Lima, A.F. (2014) História Oral e Narrativas de História de Vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In: Lima, A.F. e Junior N.L. (Orgs.) *Metodologias de pesquisa em Psicologia Social Crítica*. Porto Alegre: Sulina.
- Lima, A.F. & Gonçalves, N.J.U. (2014, jan./mar.). Fundamentação Linguística do Conceito de Identidade Pessoal. *Revista FSA*, Teresina, 11(1), pp. 346-364.
- Massimi, M. (2000). Matrizes de pensamento em Psicologia Social na America Latina. In: Campos, R.H.F & Guareschi, P.A. (Orgs.). *Paradigmas em Psicologia Social – A Perspectiva Latino Americana*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Meihy, J.C.S.B. (1996). *(Re) introduzindo História oral no Brasil*. São Paulo: Xamã.
- Morris, W.C. (Org.). (2010). *Mente, Self e Sociedade*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Pereira de Queiroz, M.I.P. (1988). Relatos orais: do “indizível ao dizível. In: Simson, O. (Org.). *Experimentos com historia de vida*. São Paulo: Vértice.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL
NEPIM – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Identidade

Carta de informação sobre a pesquisa

O presente trabalho de mestrado, cuja finalidade é compreender a história de vida e construção identitária de irmãos gêmeos que passaram pelo processo de formação e transformação identitária, tem como autora: Francis Valdivia de Matos e como orientador o Prof. Dr. Antônio da Costa Ciampa.

As entrevistas serão gravadas (áudio) de modo a facilitar o registro das informações. O compromisso da pesquisadora em relação ao uso desta gravação é:

1. que sua voz não será, em hipótese alguma, utilizada nos meios de comunicação;
2. que as informações obtidas serão utilizadas somente para fins desta pesquisa, como dado complementar para consecução dos objetivos delineados acima;
3. que será mantida a confidencialidade, preservando a identidade dos informantes;
4. que a análise dos dados obtidos através das entrevistas estarão disponíveis para todos os participantes.

O senhor (a) é livre para concordar, discordar, se recusar a responder itens específicos ou questões durante a entrevista. Em caso de desistência da participação nesta pesquisa, não será implicada nenhuma penalidade. Sinta-se à vontade para pedir explicações ou esclarecimentos a qualquer momento durante a pesquisa. Desde já me coloco à disposição para quaisquer esclarecimentos pelo e-mail: francisvmatos@uol.com.br ou telefone (11) 37424886.

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu _____ RG _____

após leitura de CARTA DE INFORMAÇÃO SOBRE PESQUISA (acima), ciente da utilização do conteúdo da entrevista para pesquisa científica, não restando qualquer dúvida a respeito do que foi lido e explicado a respeito desta pesquisa, permito que a entrevista seja gravada e transcrita, sendo garantido o sigilo dos meus dados de identificação. Declaro estar ciente de que estou autorizado a encerrar minha participação no trabalho a qualquer momento que julgar necessário, sem sofrer qualquer tipo de penalidade.

O presente termo é assinado em duas vias, ficando uma em seu poder

São Paulo, _____ de _____ 2014

Participante (Depoente)

Francis Valdivia de Matos
Pesquisadora